

"Dar uma X(a)da" : um trabalho de interfaces

UFSC- 02/2005
Florianópolis

Lucilene Lisboa de Liz

"DAR UMA X-(A)DA" : UM TRABALHO DE INTERFACES

"Dar uma X(a)da": um trabalho de interfaces

UFSC- 02/2005
Florianópolis

UFSC

Coordenadoria de Pós-Graduação em Linguística

2005

Lucilene Lisboa de Liz

"DAR UMA X-(A)DA": UM TRABALHO DE INTERFACES

Dissertação apresentada ao Curso de Pós –
Graduação em Lingüística da Universidade
Federal de Santa Catarina como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em
Lingüística.

Orientadora: Dr^a: Maria Cristina Figueiredo
Silva

"Dar uma X(a)da": um trabalho de interfaces

UFSC- 02/2005
Florianópolis

UFSC

COORDENADORIA de Pós-Graduação em Linguística

2005

RESUMO

Esta dissertação consiste num estudo das construções “dar uma X-(a)da.” Estas construções são compostas por duas formações: uma deverbal e outra denominal. Com base em estudos de Figueiredo Silva (2001) e Figueiredo Silva & Lisboa de Liz (2003), observou-se que estas formações não apresentam um comportamento uniforme. Privilegiando um trabalho de interfaces, procuraremos descrever as propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas destas formações com a finalidade de estabelecer a distinção entre elas. O modelo que adotaremos nesta abordagem é o de Chomsky (1986). Na interface sintática, analisaremos o funcionamento destas construções a partir de uma série de manipulações sintáticas, ou sintático-semânticas; verificaremos se as formações deverbal e denominal podem ter o estatuto de nome de massa ou nome contável; investigaremos propriedades sintáticas de Caso e Papel Temático, buscando delinear a distinção entre estas duas formações. Na interface semântica, investigaremos as propriedades aspectuais das construções verbais e denominais, procurando estabelecer a distinção entre elas. Finalmente, na interface morfológica, investigaremos quais as propriedades morfológicas que definem por um lado a formação deverbal e, por outro a formação denominal.

Palavras Chave: sintaxe, semântica, morfologia, denominal, deverbal.

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística, e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Coordenador do PGL: Fábio Luis Lopes da Silva

Profª.Drª.Maria Cristina Figueiredo Silva- Orientadora

Profª Drª: Ruth E. Vasconcellos Lopes - UFSC

Profª.Drª:MargaridaBasílio- PUC/Rio

"Dar uma X(a)da": um trabalho de interfaces

UFSC- 02/2005
Florianópolis

Prof. Dr. Carlos Miotto (suplente) UFSC

Esta dissertação é dedicada aos mestres que me proporcionaram um bom preparo para a vida acadêmica: Maria Cristina, Ruth Lopes, Carlos Miotto e Roberta Pires.

Agradecimentos

Este trabalho que agora coloco à disposição de todos foi produzido graças à colaboração de uma série de pessoas e órgãos.

Quero agradecer em primeiro lugar a Cristina (Maria Cristina Figueiredo Silva) pela idéia de trabalhar com este tema, pela sua paciência em corrigir meus erros teóricos e estilísticos, pelo incentivo durante minhas dificuldades com o inglês, pela disponibilidade e principalmente pela confiança e amizade a mim dispensadas. Cristina, todas as palavras seriam poucas para agradecer-lá, porque mais que uma superprofissional foi uma pessoa amiga.

À professora Ruth E. Vasconcellos Lopes pelas brilhantes aulas que me conduziram a uma reflexão teórica bastante acurada, pela paciência em ler meus textos, pela atenção que sempre me dispensou quando necessitava de algum texto da literatura, enfim pela atenção, carinho e acima de tudo seu profissionalismo; por ter aceitado fazer parte da banca desta dissertação. Muito obrigada!

À professora Roberta Pires, pelas orientações, por me apresentar a Semântica de forma tão magnífica e me dar respaldo para desenvolver uma parte do que aprendi aqui nesta dissertação, pela disponibilidade sempre. Obrigada!

À Ana Paula Scher por ter cordialmente disponibilizado sua tese, que foi muito importante para o desenvolvimento desta dissertação e pelas considerações feitas durante minha qualificação.

Ao prof. Carlos Mioto por suas valiosas contribuições durante a minha qualificação, pelo brilhantismo com que conduziu e ainda conduz o seu curso de Sintaxe Gerativa.

À prof^ª Margarida Basílio por ter aceitado fazer parte da banca desta dissertação e sobretudo por sua vasta e enriquecedora literatura em morfologia, que com certeza foi o principal elemento norteador deste estudo.

Aos meus grandes amigos Marco Antonio e Ronald, pelas muitas discussões, grupos de estudos, companheirismo e especialmente pela amizade verdadeira. Ninguém consegue chegar a lugar algum sozinho. A vocês dois meus eternos agradecimentos!

Aos colegas de disciplina pelo amadurecimento durante as discussões teóricas.

Aos colegas do NEG pelo amadurecimento de muitas idéias, pelo companheirismo de sempre: Cláudio, Sandra e Tharen.

A minha família, meus pais (Tereza e Rogério) e meus irmãos, em especial ao meu cunhado Sílvio pelo grande incentivo e por, desde o início de minha vida acadêmica, ter acreditado que eu seria capaz.

Ao André, esta pessoa iluminada, que Deus mandou para junto de mim, agradeço pela compreensão durante minhas ausências, pelo companheirismo, pelo incentivo nas horas de desânimo e principalmente pelo carinho e amor a mim dedicados.

Às audiências dos GELs, Celsul, CELLIP, que me ajudaram muito com comentários e sugestões bibliográficas.

Ao CNPq por dar credibilidade e financiar esta pesquisa.

À Universidade Federal de Santa Catarina, uma universidade ainda gratuita e de qualidade.

Finalmente, quero agradecer a este ser que dispensa quaisquer comentários: Deus.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: A SINTAXE DAS CONSTRUÇÕES " DAR UMA X-(A)DA"	13
1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
1.1.2 Basílio (1994).....	14
1.1.3.Bianchi (1993).....	17
1.1.3.1 Movimento não-quantificacional.....	21
1.1.3.2 Movimento quantificacional	24
1.2 DANDO UMA TESTADA NAS FORMAÇÕES DEVERBAL E DENOMINAL.....	29
1.2.1 O comportamento das formações de verbal e denominal frente ao movimento não-quantificacional	30
1.2.2 Testando o movimento quantificacional nas formações de verbal e	

denominal.....	33
1.3. O ESTATUTO NOME DE MASSA VS. NOME CONTÁVEL DAS FORMAÇÕES DEVERBAL E DENOMINAL	37
1.3.1 Testando as formações de verbal e denominal frente ao estatuto massa vs. nome contável.....	39
1.4 REPRESENTAÇÃO LEXICAL DA CONSTRUÇÃO "DAR UMA X- (A)DA"	40
1.4.1 Um pouco de história: Léxico e Papel temático.....	44
1.4.1.1 Papel Temático nas construções "dar uma X(a)da"	46
1.5 CASO NAS FORMAÇÕES DEVERBAL E DENOMINAL.....	49
1.5.1 Uma breve retomada da Teoria do Caso.....	49
1.5.1.2 A atribuição de Caso nas formações de verbal e denominal.....	51
1.6 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	52
CAPÍTULO II: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DAS CONSTRUÇÕES " DAR UMA X-(A)DA"	54
2. INTRODUÇÃO	54
2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	55
2.1.1 Vendler (1967) e Verkuyl (1993).....	55
2.1.2 Smith (1997).....	58

2.2 O COMPORTAMENTO ASPECTUAL DAS CONSTRUÇÕES COM <i>DAR</i>	62
2.2.1 Sentença bitransitiva com <i>dar</i> vs. construções em <i>-(a)da</i>	62
2.3 QUE PROPRIEDADES ASPECTUAIS PODEMOS ENCONTRAR NAS FORMAÇÕES DEVERBAL E DENOMINAL?.....	64
2.3.1 Testando a formação deverbal	65
2.3.2 O comportamento aspectual da formação denominal.....	71
2.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	75
 CAPÍTULO III: ANÁLISE MORFOLÓGICA DAS CONSTRUÇÕES " DAR UMA X-(A)DA"	 77
 3. INTRODUÇÃO	 77
3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	78
3.1.1 Basílio (1999)	78
3.1.2 Mira Mateus <i>et alli</i> (1990)	82
3.1.2.1 Sufixos	85
3.1.2.2 Conversão, Derivação Ø ou Derivação Imprópria	88
3.2 CONSIDERAÇÕES DE CARÁTER GERAL SOBRE AS CONSTRUÇÕES "DAR UMA X-(A)DA".....	89
3.3 ALGUMAS ALTERAÇÕES NO CURSO DAS INVESTIGAÇÕES.....	93
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUFIXO <i>-ADA</i>	97

3.4.1 O Processo de Formação das expressões denominais.....	98
3.5 O SUFIXO <i>-DA</i> E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS EXPRESSÕES DEVERBAIS.....	99
3.6 QUAIS AS ORIGENS DOS TERMOS <i>DEVERBAL</i> E <i>DENOMINAL</i> ?.....	101
3.7 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	104

"Dar uma X(a)da": um trabalho de interfaces

UFSC- 02/2005
Florianópolis

INTRODUÇÃO

A presente dissertação se constitui num estudo sobre as construções “dar uma X-(a)da”. A análise deste fenômeno será realizada à luz do quadro teórico da Gramática Gerativa. Para dar conta da forma mais completa possível do fenômeno em questão, investiremos num trabalho nos níveis de interface da gramática, que compreendem a sintaxe, a semântica e a morfologia. Em (1) estão exemplificados os tipos de construção que exploraremos:

- (1) a. A Maria deu uma pensada no assunto.
b. O João deu uma bolsada no colega.

Ao tipo de construção apresentado em (1a) denominaremos, doravante, formação deverbal; e ao que está presente em (1b), formação denominal. A razão do emprego destes termos em específico se assenta em motivações morfológicas, que serão explicitadas no capítulo III desta dissertação.

Estas construções, além de merecerem nossa atenção por seu caráter produtivo, também a merecem pelo comportamento muito particular que apresentam. A explicação das

restrições, que podem ser de ordem sintática, semântica e morfológica, ao uso e/ou à formação das expressões deverbal e denominal constitui-se como um dos objetivos centrais deste trabalho. A origem destas restrições acaba por justificar um trabalho nos níveis de interface, já que ignorar a natureza delas é não explicar o fenômeno de forma satisfatória.

Parte da motivação para esta abordagem se explica pela rejeição à classificação dos sufixos, especialmente, do sufixo *-ada*, feita pelos gramáticos. Cunha & Cintra (1985:94), por exemplo, lançam mão de uma lista de sufixos, na qual não consideram as restrições que possam impedir o uso das formações compostas por este sufixo. Assim, nosso objetivo geral é mostrar que é necessário considerar propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas para determinar a distribuição dos sufixos.

Partindo desta motivação, esta dissertação tem três objetivos específicos: sob a perspectiva sintática, o primeiro objetivo é testar a hipótese que consiste em tratar as construções "dar uma X-(a)da" como uma expressão idiomática. O segundo objetivo é explorar as propriedades aspectuais destas construções, testando a possibilidade de enquadramento delas em uma das classes aspectuais. O terceiro objetivo é investigar quais os processos morfológicos acionados para a formação destas expressões. Para tanto, partiremos da hipótese de que, em havendo diferenças de comportamento sintático e semântico entre estas formações, haverá também propriedades morfológicas que as distinguem e, em consequência disso, os processos de formação também poderão não ser os mesmos.

Para que cheguemos a uma descrição sintática, semântica e morfológica mais acurada das construções "dar uma X-(a)da", o mote desta abordagem será sempre a comparação entre as formações (1a) e (1b).

Esta dissertação está dividida em três capítulos, contendo referencial teórico, descrições, análises e propostas. Cada capítulo é composto por uma seção introdutória responsável por detalhar o conteúdo a ser apresentado nele.

No Capítulo I, destinado à sintaxe, analisaremos o funcionamento destas construções a partir de uma série de manipulações sintáticas, ou talvez ainda se possa dizer sintático-semânticas, ancorados na hipótese de tratá-las como um tipo de expressão idiomática. Com a finalidade de esclarecer a impossibilidade de alguma manipulação sintática, verificaremos se formações deverbal e denominal podem ter o estatuto de nome de massa ou nome contável. Também investigaremos algumas propriedades sintáticas destas formações, tais como Caso e Papel Temático, buscando delinear a distinção entre estas duas formações.

No Capítulo II, dedicado à semântica, faremos uma investigação de cunho aspectual na tentativa de explicar a má formação de construções como a presente em (2):

(2) *O Pedro deu uma estada lá em casa.

Além disso, objetivamos enquadrar as formações possíveis dentro de uma das classes aspectuais com base em propostas como as de Vendler (1967), Verkuyl (1993) e Smith (1997).

O capítulo III parte das diferenças sintáticas e semânticas das formações deverbal e denominal para investigar se há diferenças também morfológicas entre elas. Neste capítulo, esclareceremos duas importantes alterações no curso de nossas investigações, procurando justificá-las. Além disso, investigaremos a origem morfológica dos sufixos que compõem estas formações. Por fim, verificaremos os processos de formação de palavras que são ativados para composição das construções "dar uma X-(a)da".

A dissertação contém ainda uma conclusão, na qual são apontadas os principais resultados deste estágio de nossa pesquisa e, como não poderia deixar de ser, a bibliografia utilizada neste estudo.

CAPÍTULO I

A SINTAXE DAS CONSTRUÇÕES "DAR UMA X-(A)DA"

1. INTRODUÇÃO

Lisboa de Liz (2001) e Figueiredo Silva & Lisboa de Liz (2003) aventam a possibilidade de tratar a construção "dar uma X-(a)da" no bojo das expressões idiomáticas. Neste capítulo, adotaremos esta idéia como hipótese principal, ou seja, vamos averiguar se de fato a construção "dar uma X-(a)da" pode ser uma expressão idiomática.

A verificação desta hipótese será feita a partir de algumas manipulações sintáticas testadas por Bianchi (1993) num exemplário de expressões idiomáticas do italiano. Então, a comparação entre as propriedades sintáticas das expressões idiomáticas do italiano e as características da construção foco do nosso trabalho será o ponto de partida para a confirmação ou rejeição da hipótese.

Além desta comparação, faremos também uma investigação em torno de outras propriedades sintáticas das formações de verbal e denominal que compõem a construção "dar uma X(a)da", a saber, Caso e Papel Temático, com o objetivo de estabelecer a distinção entre estas duas formações.

Este capítulo está assim estruturado: na primeira seção, 1.1.2 exibiremos a discussão de Basílio (1994) que versa sobre a camada acional do verbo *dar*. Esta

abordagem será de especial relevância para as considerações que faremos a respeito do papel temático das formações deverbal e denominal; na seção. Na seção 1.1.3 apresentaremos o estudo Bianchi (1993) sobre o comportamento das expressões idiomáticas do Italiano. Este estudo será importante para investigarmos se podemos considerar a construção "dar uma X(a)da" uma expressão idiomática. Na seção 1.2, 1.3, concentraremos nossa atenção na parte analítica propriamente dita, ou seja, analisaremos as formações deverbal e denominal à luz das discussões apresentadas nas seções 1.1 e 1.2, sendo a seção 1.2.1 dedicada aos testes do movimento tipo não-quantificacional sobre as duas formações e a seção 1.2.2 aos testes referentes ao movimento quantificacional. Na seção 1.3 verificaremos o estatuto nome de massa vs. nome contável das formações deverbal e denominal, investigação importante para elucidar algumas informações de Bianchi (1993). Na seção 1.4.1, retomando alguns pontos do estudo de Basílio (1994), faremos algumas considerações sobre léxico e papel temático que auxiliarão nas nossas análises referentes ao papel temático das formações deverbal e denominal. A seção 1.5.1 retoma algumas noções básicas a respeito da Teoria do Caso e a seguir verificamos como ocorre a atribuição de Caso nas formações deverbal e denominal. Na seção 1.6 concentraremos as conclusões do capítulo.

1.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1.2 Basílio *et alli* (1994)

A proposta de trabalho de Basílio *et alli* que exporemos agora diz respeito a uma investigação sobre o poder de descrição dos modelos de representação lexical propostos por Jackendoff (1983) e (1990) para o tratamento de expressões V + SN.

Expressões *V + SN*, cujo *V* é de semântica relativamente vazia,¹ apresentam um problema de representação lexical devido ao seu "comportamento sintático variável, indissolubilidade semântica entre o *V* e o *SN* e independência flexional do verbo". Para este estudo, as autoras utilizam o verbo *dar* em seu uso pleno e como base de expressões *dar + SN*.

Em se tratando de camada acional, podemos encontrar as seguintes noções de afetação no verbo *dar*: neutra, positiva e negativa (cf. Basílio *et alli*, 1994:02).²

Segundo Basílio *et alli* (1994:03), podemos encontrar alterações nos traços do verbo *dar*, por exemplo:

- (1) a. dar opinião/notícia/palpite/dica/conselho³
- b. dar bronca/sermão/pito

Em (1a) uma característica proeminentemente diferente é que o objeto que se desloca não é um objeto físico, mas "um produto lingüístico". Em (1b) a afetação é negativa.

- (2) a. dar beijo/abraço
- b. dar soco/chute/pontapé/esbarrão/tapa

¹ Basílio *et alli* (1994:01) a estes verbos denomina *verbos vazios* porque, segundo ela, "o verbo parece estar esvaziado de seus significados habituais, podendo-se depreender um significado específico apenas da expressão como um todo".

² A camada acional é a camada "que explicita uma 'relação entre ator e paciente'" (Jackendoff, 1990:26) *apud* Basílio (1999:03).

³ Os exemplos são de Basílio *et alli* (1994:03).

Em (2) a alteração que se verifica é também com relação ao objeto, que neste caso, pode ser entendido como “produto de um ato físico”, cuja afetação pode ser positiva, (2a) ou negativa, (2b).

Nas expressões em (3) abaixo, há “uma abstração ainda maior da coisa que se desloca, que passa a ser uma disposição ativa (*contribuição*, etc.) ou neutra (*trela*, etc.) do causador do deslocamento” (cf. Basílio *et alli*, 1994:05):

- (3) a. dar contribuição/auxílio/ajuda
- b. dar trela/sopa/conversa/tempo/espaco/atenção

Em (4a) há coincidência entre o causador e o *objeto* deslocado, ou seja, o causador faz com que ele próprio se desloque; aqui também desaparece o beneficiário. Em (4b) o objeto deslocado é “um produto fonador do causador e não há necessariamente um ponto de chegada como alvo da ação” (cf. Basílio *et alli* (1994:06)):

- (4) a. dar pulos/saltos/ passos
- b. dar gritos/berros/guinchos/uivos

As expressões em (5) apresentam uma abstração do objeto que se desloca do causador em direção ao receptor -neste caso, não há voluntariedade do causador em provocar o evento. Basílio *et alli* (1994:06) lembra ainda que, em consequência da perda do traço [+ voluntário], se têm a possibilidade da perda do traço de animacidade, como em (5c):

- (5) a. dar medo/pavor/problema/receio
- b. dar prazer/ satisfação/alívio/alegria
- c. O filme me deu medo.

Em (6a) não há mais o deslocamento do objeto, mas de um evento; em (6b) ocorre o mesmo, mas o ponto de chegada é o próprio evento e o causador provoca uma alteração no seu deslocamento (cf. Basílio *et alli* 1994:06):

- (6) a. dar recital/concerto/festa
- b. dar início/partida/fim/andamento/continuidade

Os exemplos de (1) a (6) são casos de variação semântica de verbos plenos que apresentam usos com sua semântica relativamente vazia. O que Basílio *et alli* procuraram mostrar aqui é que a estrutura conceitual básica se mantém, ainda que se tenha uma certa flexibilidade com relação ao ponto estrutural correspondente ao objeto ou coisa transferida. Segundo as autoras a estrutura conceitual do verbo *dar* que correspondente à sua estrada lexical é a seguinte: “Dar corresponde a causar voluntariamente o Evento de transmissão de um objeto de causador (e também ponto de partida) para o receptor, afetando-o positivamente. Uma das condições para que a transferência em DAR se processe é a obrigatoriedade de que tanto o causador/ator quanto o receptor/afetado tenham traço ANIMADO” Basílio (1994:03).

Este estudo das autoras elucidará alguns pontos que serão abordados na seção 1.4 e será de fundamental importância para nossas discussões referentes ao papel temático das formações deverbal e denominal.

1.1.3 Bianchi (1993)⁴

Bianchi (1993) ressalta que apenas argumentos verdadeiros são referenciais, ou seja, apenas constituintes que recebem papel temático referencial, tais como Agente, Paciente, Experienciador etc., e denotam um participante num evento ou estado expresso pela seleção de um predicado. Todos os outros constituintes, selecionados ou não, são não-referenciais. Bianchi destaca a proposta de Rizzi (1990) de que as maiores fronteiras sintáticas investigadas não se assentam entre argumentos e adjuntos, como se pensava, mas antes entre elementos referenciais e não-referenciais. Um bom exemplo disso são os complementos idiomáticos que, embora selecionados pelo verbo idiomático, não são referenciais. A propriedade semântica da referencialidade é sintaticamente expressa por meio de índices referenciais, de acordo com o seguinte princípio:

(7) "X pode carregar um índice referencial somente se porta papel temático em algum nível da representação, (Rizzi 1991: 4) (*apud* Bianchi, 1993:01)".

Disso decorre, então, que somente argumentos referenciais, (8c) e (9c), possuem índice referencial para dar origem à relação de vinculação em que o objeto pode cruzar uma ilha fraca. No entanto, nos exemplos em (8a-b) e (9a-b), o constituinte movido não é

⁴ Consideraremos das amostras de Bianchi apenas aqueles exemplos que forem significativos para o que queremos mostrar. Para uma lista completa destes exemplos, ver Bianchi (1993).

referencial e, portanto, não pode vincular o vestígio. Segundo a autora, haveria somente uma alternativa possível: a regência por antecedente, mas esta opção é bloqueada por uma ilha fraca; portanto o movimento longo é impossível.

(8) a.*Che credito non sai [a chi dare *l*]?

/Que crédito você não sabe a quem dar?/

b.*Come non sai [a chi risponder *l*]?

/Como você não sabe a quem responder?/

c.?A chi non sai [come risponder *l*]?

/A quem você não sabe como responder?/

(9) a.*Che credito ti sei pentito [di avergli dato *l*]?

/Que crédito você lamenta não ter dado a ele?/

b.*Come ti sei pentito [di esserti comportato *l*]?

/Como você lamenta ter se comportado?/

c.A chi ti sei pentito [di aver risposto *l*]?

/A quem você lamenta ter respondido?/

Ainda com ênfase sobre a proposta de Rizzi (1991), Bianchi diz que complementos idiomáticos são *quasi*-argumentos e recebem algum tipo de papel temático não-referencial. Algumas expressões idiomáticas podem ser organizadas dentro de uma escala de congelamento sintático (uma noção de Fraser (1970) que Bianchi utiliza): “todos os NPs idiomáticos admitem somente um subconjunto próprio de tipos de manipulações

sintáticas que os argumentos referenciais admitem, mas como percebe Bianchi, há manipulações que são impossíveis para todos os NPs idiomáticos e que são permitidas apenas para argumentos referenciais” Bianchi (1993).

Deste ponto em diante, Bianchi (1993) examina uma série de expressões do italiano constituídas por um verbo, um objeto direto idiomático e eventualmente por outros complementos e modificadores. A autora classifica o comportamento sintático dos objetos idiomáticos a partir da aplicação de diferentes tipos de movimento.

A primeira manipulação testada por Bianchi (1993:04) é o grau de congelamento das expressões. Segundo a autora não se pode dizer que as expressões idiomáticas são simplesmente sintaticamente congeladas, pois o verbo pode ser flexionado em qualquer tempo e modo, conforme mostra (10):

(10) Gianni taglia/tagliò/ taglierá la corda.

/João rói/roeu/roerá a corda./

É possível então concluir que o verbo não é sintaticamente congelado, e que o comportamento excepcional das expressões idiomáticas depende inteiramente dos complementos verbais sendo interpretados idiomáticamente. A autora mostra que se o objeto direto é relativizado, topicalizado, passivizado ou é uma pergunta, somente uma interpretação não-idiomática, em que o objeto direto é verdadeiramente denotativo, é adequada:

(11) a. Gianni ha tagliato la corda

/O João roeu a corda./

b. Che corda ha tagliato Gianni?

/Que corda que o João roeu?/

c. La corda che ha tagliato

/A corda que ele roeu.../

d. LA CORDA ha tagliato.

/A CORDA ele roeu./

e. La corda è stata tagliata.

/A corda foi roída./

f. La corda, Gianni l'ha tagliata da un pezzo.

/A corda, o João roeu já faz tempo./

Este paradigma mostra um dos possíveis graus de congelamento sintático: como um argumento referencial, o objeto direto pode sofrer vários tipos de manipulação; se o objeto for parte de expressões idiomáticas, por outro lado, ele pode somente ser deslocado à esquerda como em (11f). O congelamento sintático se aplica a complementos idiomáticos e não a toda a expressão idiomática.

A autora promove então uma série de testes com manipulações sintáticas diversas, que serão resenhadas nas próximas duas subseções.

1.1.3.1 Movimento não-quantificacional

O primeiro tipo de movimento não-quantificacional é a passiva, que envolve movimento A do objeto direto para a posição de sujeito pré-verbal (a posição de Spec de

AgrsP). A autora recorda que Chomsky (1980) e Fraser (1970) já tratavam da impossibilidade de se passivizar uma expressão idiomática e isto se confirma na sua amostra do italiano, conforme aponta a sentença (12)- exemplo (15), números (1) e (2) da autora:

(12) a.**La corda è stata tagliata da Gianni.*

/A corda foi roída pelo João./

b.**Il naso è stato ficcato in questa faccenda da Gianni.*

/O nariz foi metido neste assunto pelo João./

Desde Chomsky (1980:149-53) e Vergnaud (1974:57-62) se admite que expressões idiomáticas estão sujeitas ao requerimento de adjacência: diferentes partes da expressão idiomática devem ser geradas em posições estruturalmente adjacentes. Para expressões idiomáticas como as de (12), o requerimento de adjacência parece também se sustentar na estrutura S. Segundo Chomsky (1992:30), o requerimento de adjacência deve ser obedecido em LF, onde regras idiomáticas incidem sobre a expressão para produzir a interpretação. A autora argumenta que se admitirmos que o objeto idiomático não pode ser reconstruído na posição de base depois do movimento A, então se explicaria a impossibilidade de passivização dado o requerimento de adjacência em LF. No entanto, o que dizer sobre (13a-b)⁵, por exemplo, onde a passivização é gramatical?

(13) a.*Giustizia è stata fatta.*

⁵ Os exemplos elencados pela autora são: os números (18-21) e (23-28) da amostra (14). Aqui exporemos apenas os exemplos (18) e (27) a título de demonstração.

/Justiça foi feita./

b. Grandi progressi sono stati fatti in questo campo della medicina.

/Grandes progressos foram feitos neste campo da medicina./

A solução proposta por Bianchi é dizer que a estas expressões não se aplica a interpretação idiomática e por isso as sentenças de (7 a-b) não estão sujeitas ao requerimento de adjacência; ou, ainda, que por razões não conhecidas o seu objeto idiomático pode ser reconstruído na base. Entretanto, a autora chama atenção para o fato de que o requerimento de adjacência em LF é duvidoso, pois do ponto de vista estrutural, pode ser demonstrado que, quando o NP idiomático permanece na posição de base, não está adjacente ao verbo, porque o último incorpora núcleos funcionais na sintaxe.

A passivização sem movimento A nos permite um olhar bastante diferente já que os exemplos em (14), em que o objeto profundo não sofre movimento para a posição de sujeito pré-verbal, também são sentenças gramaticais:

(14) a. *È stata tagliata la corda da Gianni.

/Foi roída a corda pelo João./

b. *Sono state fatti patti col diavolo da Gianni.

/Foram feitos pactos com o diabo pelo João./⁶

A Topicalização é outro tipo de movimento testado pela autora. Segundo ela, a topicalização, na maior parte das vezes, é marginal, talvez em razão de NPs idiomáticos

⁶ Estes exemplos correspondem aos números (1) e (10) da amostra (15) da autora.

não serem jamais muito salientes no discurso. (15) é exemplo de topicalização do objeto idiomático:⁷

(15) a.*LA CORDA ha tagliato da um pezzo.

/A CORDA, ele roeu faz tempo./

b.*LE UOVA (NEL PANIERE) mi hai rotto (nel paniere)

/OS OVOS (NA CESTA) você me quebrou (na cesta)./

c.?SETTE CAMICIE ho sudato.

/SETE CAMISAS eu suei./⁸

Outro fenômeno relevante é o de reordenação dos complementos, estudado por Belletti e Shlonsky (1992). A reordenação só é possível quando os complementos são argumentos. No entanto, se ambos os complementos recebem uma interpretação idiomática, a ordem é fixa e qualquer movimento resulta em agramaticalidade (16a) ou em interpretação referencial (16b):

(16) a.*Ho fatto nell'acqua um buco.

/Eu fiz, na água, um buraco./

⁷ Estes exemplos correspondem aos números (1) e (5) da amostra (17) da autora. Para mais exemplos, ver Bianchi (1993:11).

⁸ Bianchi ressalta que o exemplo (15c), é aceito por Benincà (1998: 152). Porém, a autora lembra que nas expressões topicalizadas aceitas, os constituintes idiomáticos devem ser topicalizados juntos, o que sugere que "pelo menos alguns casos devem ser analisados como topicalização do VP (L. Rizzi,p.c), lembrando que em italiano o verbo sempre se move do VP, incorporando-se a um núcleo funcional". (tradução minha). O exemplo (15c) corresponde ao número (9) da amostra (17) de Bianchi (1993:11). Mas há mais exemplos na amostra (17) que são aceitos por Benincà sob as condições supracitadas.

b.Ho messo in tavola le carte.

/Eu pus, na mesa, as cartas./⁹

A autora propõe a seguinte generalização: quando ambos os complementos são idiomáticos, eles não podem se mover e a reordenação é impossível. Quando o PP é referencial, este pode subir, deixando o objeto idiomático na posição de base. Há duas maneiras de reordenar os complementos: ou move o PP para a esquerda, ou mover o objeto para a direita. Então, se o PP é referencial, é ele que se move; se por outro lado ele é parte da expressão idiomática, ele também não pode se mover.

Em suma, há nas amostras um subconjunto de NPs idiomáticos que recusam o movimento não-quantificacional (tanto A como A-barra). Estes NPs, segundo Bianchi (1993:15), compartilham algumas propriedades comuns, tais como:

“(a) O determinante é variável;

(b) Pode haver alguns modificadores fixos, mas a modificação livre é impossível;

(c) A interpretação é completamente metafórica, ou seja, o sentido original dos itens lexicais é irrelevante e o sentido de toda a expressão não pode ser predito com base em qualquer regra geral. Neste sentido a relação semântica ligando o NP idiomático ao verbo é ‘não-composicional’”.

1.1.2.2 Movimento quantificacional

⁹ Estes exemplos correspondem aos exemplos (19b) e (20b), respectivamente, de Bianchi (1993:12).

A autora analisa igualmente o comportamento dos NPs idiomáticos quando submetidos ao movimento quantificacional.

O primeiro tipo de movimento quantificacional que a autora aplica às expressões do italiano é a relativização restritiva. Pela possibilidade ou não de relativização do objeto direto, Bianchi afirma que é possível distinguir duas classes de expressões.

(17) a.*La corda che ha tagliato.....

/A corda que ele roeu.../

b.Il tempo che posso dedicarti oggi è ben poco.

/O tempo que eu posso dedicar a você hoje é bem pequeno./

Segundo a autora, na maior parte dos casos em que as sentenças são gramaticais o núcleo é um nome abstrato de massa ou plural. Neste tipo de relativa, a quantificação não ocorre sobre indivíduos, mas sobre quantidades de matéria.

O teste de deslocamento à esquerda em sentenças negativas apresenta um resultado semelhante ao do verificado no teste acima. Assim, os julgamentos de gramaticalidade destas construções se aproximam bastante dos de relativização restritiva, conforme mostram os dados abaixo, exemplos (1) e (23) da amostra (34) da autora:

(18) a.*La corda, non ha tagliato di certo.

/A corda, não roeu com certeza/

b.Molto tempo, non mi hanno dedicato.

/Muito tempo, não dedicaram a mim com certeza/

Um outro tipo de movimento quantificacional é o das interrogativas de quantidade. Os operadores de interrogativas de quantidade do tipo *quanto/quantos* são compatíveis apenas com nomes de massa ou plural, ou com nomes cuja referência é cumulativa, no sentido de Link (1983) (*apud* Bianchi (1993)). Constata-se que, de fato, as respostas para este tipo de interrogativa são tipicamente numerais ou determinantes "proporcionais", em lugar de NPs plenos, que não se referem a (grupos de) indivíduos. Segundo a autora, este tipo de movimento distingue também duas classes de expressões idiomáticas, conforme mostra (19) abaixo- exemplos (1) e (23) da amostra (35) da autora:

(19) a.*Quanta corda ha tagliato?

/Quanta corda ele roeu?/

b.Quanto tempo ti hanno dedicato?

/Quanto tempo te dedicaram?/

O teste com interrogativas o que /que e em pseudo-clivadas mostra que em ambas as estruturas há incompatibilidade com nomes de massa. Isso acaba por excluir algumas expressões idiomáticas da amostra:¹⁰

¹⁰ Os outros exemplos excluídos foram (12), (15), (24) das amostras (35-36) da autora e correspondem aos exemplos (i), (ii), respectivamente:

- i. *Che acqua fa da tutte le parti?
- ii. ?*Che attenzione ti hanno dedicato?
- iii. *L' acqua che fa da tutte lê parte è queste.
- iv. *L' attenzione che mi hanno prestato è questo.

(20) a. *Che veleno sputa?

/Que veneno ele cospe?/

b. *Che tempo te hanno dato?

/Que tempo te deram?/

c. *Il veleno che sputa è questo.

/O veneno que ele cospe é este./

d. *Il tempo che posso dedicarti è questo.

"O tempo que posso dedicar a você é este."

Quando a pergunta é com o operador *qual* o resultado é a agramaticalidade das expressões idiomáticas, exceção feita ao exemplo (21c)- exemplo (28) da amostra (39) da autora:

(21) a. *Quale corda ha tagliato?

/Qual corda ele roeu?/

b. *Quale tempo te hanno dedicato?"

/Qual tempo dedicaram a você?/

c. Quale iniziativa hai preso?

/Qual iniciativa você tomou?/

Finalmente, *tough- movement* (22) e clivagem (23) são excluídos por todos os NPs idiomáticos:

(22) a.*La corda difficile da tagliare.

/A corda difícil de roer./

b.*Uma bella lezione è difficile da dare a Gianni.

/Uma bela lição é difícil de dar ao João./

(23) a.*E' la corda che ha tagliato.

/É a corda que ele roeu."

b.*Sono le uova che mi ha rotto nel paniere.

O teste de deslocamento à esquerda do NP idiomático em (24)¹¹ mostra que o NP gerado na posição periférica deve ser retomado por um pronome clítico; conseqüentemente, a estrutura viola o requerimento de adjacência em DS; não obstante, a interpretação idiomática está disponível para algumas das expressões idiomáticas:

(24) a.?La corda, l'ha tagliata da um pezzo.

/A corda, ele roeu faz tempo./

b.L' iniziativa, l'ha presa il comitato.

/A iniciativa, o comitê a tomou./

¹¹ Exemplos (1) e (28) da amostra (56) da autora

Os diversos tipos de movimento testados pela autora são resumidos no quadro abaixo, estabelecendo que há quatro tipos de expressões idiomáticas:

	I	II	III	IV	Argumentos
Left dislocation	+	+	+	+	+
Non quantif. movement	-	+	+	+	+
Non-ind. Quantificational	-	-	+	+	+
Individual quantificational	-	-	+	+	+
Bare Wh-phrase	-	-	-	-	+
Clefting	-	-	-	-	+
Tough-movement	-	-	-	-	+

Além desses movimentos, alguns NPs idiomáticos também suportam, parcialmente, outros tipos de movimento sintático.

1.2 DANDO UMA TESTADA NAS FORMAÇÕES DEVERBAL E DENOMINAL

Basílio (2001) descarta a possibilidade de tratarmos a construção “dar uma X-*da*” como expressões idiomáticas devido à sistematicidade de formação e de significado dela, o que é uma propriedade não usual das expressões idiomáticas. Outra propriedade não típica das expressões idiomáticas, mas que estas construções apresentam, é um conjunto de requisitos de cunho sintático, morfológico, semântico e discursivo para sua ocorrência. Cumpre mencionar que Basílio se ocupa apenas da formação deverbal, mas em nossa abordagem ampliaremos esta investigação até a construção composta pela formação denominal.

O estudo de Bianchi (1993), apresentado na seção, 1.2, nos mostrou que as expressões idiomáticas não são de um único tipo, ou seja, há no mínimo quatro tipos de expressões idiomáticas. Destas expressões só uma parcela mínima é passível de manipulações internas. Tais manipulações, conforme pudemos perceber, também são em número reduzido.

Nesta seção, buscaremos respaldo nas manipulações testadas por Bianchi (1993) e exploraremos algumas propriedades da construção “dar uma X-(*a*)*da*”, nomeadamente, das formações deverbal e denominal. Adicionalmente, verificaremos se Basílio está correta em afirmar que a construção composta pela formação deverbal não pode ser considerada como

expressão idiomática. Cumpre ressaltar que estenderemos esta linha de investigação à construção formada a partir da expressão denominal.

1.2.1 O comportamento das formações deverbal e denominal frente ao movimento não quantificacional

No estudo de Bianchi (1993), a autora expôs a impossibilidade de passivização de expressões idiomáticas, conforme ilustrou o exemplo (12) acima. Vejamos o que acontece quando a passivização recai sobre as construções deverbal e denominal em (25):

(25) a. *Uma pensada foi dada no assunto.

b. Uma facada foi dada no João.

Tal como acontece com os exemplos de Bianchi, em (25a) a passivização da formação deverbal também é impossível. No entanto, observe que a formação denominal em (25b) aceita bem este tipo de manipulação.

Isto parece estar de acordo com as intuições de Figueiredo Silva (2001:05), pois segundo esta autora é possível passivizar as construções denominais, como (26 a, b), mas não as deverbais quando se trata de passiva com movimento visível, (26c), mas somente com movimento não visível, (26d), em que a passiva é possível, ainda que de forma marginal. Bianchi (1993) sugere que a restrição que se impõe, neste caso, deve-se à adjacência que deveria haver entre o DP idiomático e o verbo:

(26) a. ?Uma porrada foi dada no João (pela Maria).

- b. Foi dada uma porrada no João (*pela Maria).
- c. *Uma pensada foi dada no assunto (pela Maria).
- d. ?Foi dada uma pensada no assunto (*pela Maria).¹²

Isto posto, podemos dizer que as formações deverbais partilham o mesmo comportamento da maior parte das expressões idiomáticas do italiano, como mostra (14), em que a passivização não é possível. Já a formação denominal parece apresentar o mesmo comportamento da expressão idiomática (13a, b) e reage bem à passiva.

Quando estamos frente à topicalização, os resultados são os seguintes¹³:

- (27) a. *Uma pensada a Maria deu no assunto.
- b. ?Uma facada a Maria deu no João.

Os julgamentos de gramaticalidade, mais uma vez se assemelham aos de Bianchi, em (15), em que a maior parte das expressões não reagem bem a topicalização.

Segundo Belletti & Shlonsky (1992) (*apud* Bianchi, 1993), a reordenação de complementos só é permitida a argumentos verdadeiros. Vejamos agora como reagem as formações deverbal e denominal frente à reordenação:

- (28) a. *Dei, no assunto, uma pensada.

¹² Estes exemplos correspondem aos exemplos em (13) de Figueiredo Silva (2001:05).

¹³ Queremos destacar que o que Bianchi toma como topicalização, em sua amostra, é um pouco diferente do que entendemos como topicalização nos nossos exemplos do português.

b. Dei, no João, uma facada.

Parece razoável inferirmos que a formação deverbal só possui um sentido um sentido idiomático, já que, segundo Belletti & Shlonsky a reordenação só é possível quando os complementos são argumentos verdadeiros. Já se o complemento recebe uma interpretação idiomática, a ordem é fixa e qualquer movimento torna a sentença agramatical. Se admitirmos que a reordenação só é possível em casos cuja interpretação seja referencial, seria plausível afirmarmos que enquanto em (28a) a interpretação é idiomática ou parcialmente idiomática, em (28b), caso em que a reordenação é possível, a interpretação é referencial? Isto seria suficiente para excluirmos a possibilidade de tratar a formação denominal do bojo das expressões idiomáticas e, por outro lado, considerarmos a formação deverbal como um tipo especial de expressão idiomática?

Estes testes foram um divisor de águas, pois colocaram de um lado as formações deverbais, que parecem banir quaisquer tipos de movimento não-quantificacional e em certos momentos parecem apresentar um comportamento típico das expressões idiomáticas, e de outro, as formações denominais que reagem bem, em certa medida, a estes movimentos.

1.2.2 Testando o movimento quantificacional nas formações deverbal e denominal

Nesta seção, exploraremos um outro tipo de movimento, a saber, o movimento quantificacional. Este tipo de movimento foi testado, nestas construções, em um certo número de sentenças por Figueiredo Silva e Lisboa de Liz (2003). Para os propósitos desta exposição, sempre que necessário estaremos nos remetendo a este trabalho das autoras.

Começemos pela relativização restritiva, em (29):

- (29) a. Uma/a laranjada que a Maria deu na cabeça do João cresceu um galo.
b. Uma facada que a Maria deu no João matou ele.
c. ??Uma/a pensada que a Maria deu no assunto resolveu seus problemas.
d. ??Uma analisada que a Maria deu na proposta bastou para que ela se decidisse.

Conforme já observado por Figueiredo Silva & Lisboa de Liz (2003:02), a relativização é completamente marginal quando a formação deverbal vem acompanhada do indefinido, (29c-d), e melhora sensivelmente quando o substituímos pelo artigo definido. Já quando se trata da formação denominal, tanto as sentenças com o indefinido quanto as com o definido são permitidas.

Bianchi (1993) destaca que em sua amostra, as sentenças são gramaticais com este tipo de manipulação quando o núcleo é um nome abstrato de massa ou plural, tendo em vista que neste tipo de relativa, a quantificação não ocorre sobre indivíduos, mas sobre quantidades de matéria. Mas o fato interessante a se perceber é que, conforme veremos na seção 1.3.1, a formação denominal parece se comportar como um nome contável e não como um nome de massa.

Então o que poderia ser uma explicação razoável para justificar a boa formação das sentenças (29 a, b) seria a possibilidade de a formação denominal se comportar como um nome plural, já que nome de massa ela não parece ser.

O teste do deslocamento à esquerda por sobre a negação mostra uma aceitabilidade maior do indefinido e, por sua vez, rejeita o definido. O que Figueiredo e

Silva & Lisboa de Liz (2003) percebem, neste caso, é que aqui há uma deterioração maior das formações com o deverbis: ¹⁴

- (30) a. ?Uma /*?a mochilada, a Maria não deu no João.
b. ?Uma/*?a garfada, a Maria não deu no Pedro.
c. ??Uma banalizada/*a banalizada, a Maria não deu na estória.
d. ??Uma encorajada/*a encorajada, a Maria não deu no João.

Quando temos interrogativas não *D-linked*, as sentenças são uniformemente recusadas (cf. (31) abaixo):

- (31) a.* O que que a Maria deu no João?
b.*O que que a Maria deu no Pedro?
c.*O que que a Maria deu na estória
d.*O que que a Maria deu no João.

No entanto, quando estamos frente a interrogativas *D-linked*, constata-se uma leve melhora na formação denominal, como mostram as sentenças (32 a, b):

- (32) a.??Que mochilada que a Maria deu no João?
b.??Que garfada que a Maria deu no Pedro?

¹⁴ Este exemplo corresponde ao exemplo (12) das autoras.

c.*Que banalizada que a Beth deu na estória?

Mais uma vez estes dados nos ilustram que as formações denominais podem admitir determinadas manipulações que as deverbais, devido a sua rigidez, rejeitam.

Mas os dados mais reveladores no que concerne à distinção entre as formações denominal e deverbal são os que dizem respeito às interrogativas de quantidade em (33) e ainda em (34), e à clivagem em (35), onde há um contraste muito nítido segundo Figueiredo Silva & Lisboa de Liz (2003:02):

- (33) a. Quantas mochiladas que a Maria deu no Pedro?
b. Quantas garfadas que a Maria deu no Pedro?
c.*Quantas banalizadas que a Maria deu na estória?
d.*Quantas encorajadas que a Maria deu no Pedro?
- (34) a.? Quanta mochilada a Maria deu no Pedro?
b. ?Quanta garfada a Maria deu no Pedro?
c.*Quanta banalizada a Maria deu na estória?
d. *Quanta encorajada a Maria deu no Pedro?

Conforme ilustra as sentenças em (33), as construções denominais aceitam bem o operador *quantas*, já as construções deverbais o rejeitam.

Por outro lado, em (34) as construções denominais só aceitam marginalmente o operador *quanta*, enquanto as construções deverbais o rejeitam. Segundo Bianchi (1993), operadores do tipo *quanto/ quanta* são compatíveis apenas com nomes de massa ou plural e, como veremos na seção 1.3 as formações de verbal e denominal não podem ser consideradas como nomes de massa.

A autora destaca ainda que as respostas para este tipo de interrogativa são tipicamente numerais ou determinantes "proporcionais" em lugar de NPs plenos. Mas percebe que somente a formação denominal permite respostas deste tipo, especialmente quando as perguntas são feitas com o operador *quantas*.

(35) a. Quantas/ ?quanta mochilada(s) que a Maria deu no Pedro?

R: uma, duas/várias

b. *Quantas/*quanta pensada(s) que a Maria deu no assunto?

R: *uma, *duas/*várias

Examinemos agora a clivagem em (36) abaixo:

(36) a. Foi uma mochilada que a Maria deu no Pedro.

b. Foi uma garfada que a Maria deu no Pedro.

c. *Foi uma banalizada que a Maria deu na estória.

d. *Foi uma encorajada que a Maria deu no Pedro.

O teste da clivagem em (36) se mostra fundamental para o estabelecimento de propriedades das formações denominal e deverbal. Se atentarmos para o quadro de Bianchi (1993), em que a autora resume os tipos de movimento que podem suportar as quatro classes de expressões idiomáticas do italiano em oposição aos argumentos, poderemos constatar que a clivagem só é permitida aos argumentos e, portanto, não é tolerada por NPs idiomáticos. Isto coloca de um lado a possibilidade de estarmos trabalhando com prováveis NPs idiomáticos em (36c-d) e, de outro, descarta a possibilidade de a formação denominal ser algum tipo de expressão idiomática, já que admite uma operação como a clivagem que só é permitida a argumentos verdadeiros.

Então, aplicados todos estes tipos de movimento, apenas a relativização restritiva em (29) e o deslocamento à esquerda por sobre a negação em (30) foram marginalmente aceitos pela construção deverbal. Porém, mas percebe-se que quando a formação deverbal vem acompanhada do artigo definido a sentença é gramatical. Todas as outras manipulações são rechaçadas por esta formação. O oposto ocorreu com as formações denominais que reagiram mal apenas às interrogativas não *D-linked*; e marginalmente à topicalização, ao deslocamento à esquerda por sobre a negação e às interrogativas *D-linked*.

1.3. O ESTATUTO NOME DE MASSA VS. NOME CONTÁVEL DAS FORMAÇÕES DEVERBAL E DENOMINAL

Embora saibamos que este não é um assunto da sintaxe, vamos explorá-lo um pouco aqui por ser de importância crucial para as investigações que realizamos na seção precedente e, além disso, por ter reflexos na sintaxe.

Segundo Mira Mateus *et alli* (1990:459) os nomes contáveis e não-contáveis, mormente conhecidos como massivos, apresentam um comportamento sintático distinto. Isto pode ser observado de (37) a (39), exemplos (7) das autoras:

- (37) a. uma cadeira / duas cadeiras
b. uma areia / *duas areias
c. um vinho / *dois vinhos

- (38) a. *não tenho muita *cadeira* / não tenho muitas *cadeiras*
b. não tenho muita *areia* / *não tenho muitas *areias*
c. não tenho muito *vinho* / *não tenho muitos *vinhos*

Mira Mateus *et alli* (1990:459) fazem a ressalva de que as seqüências que estão assinaladas com asterisco não serão agramaticais se indicarem qualidades de *areia* ou de *vinho*, ou se estiverem "relacionadas com seqüências do tipo *dois grãos de areia, duas garrafas de vinho*, por elipse de *grãos* e de *garrafas*.

Segundo estas autoras, na entrada lexical de cada uma destas formações estará incluída a informação a respeito do valor do traço, se [+contável] ou se [- contável].

Mas Ilari (2002) diz que há expressões que podem apresentar ambigüidade entre os traços [+contável] e [-contável]. Então, não é seguro afirmar que as palavras possuem um valor para este traço fixado rigidamente, já que o valor dele poderá variar segundo o contexto em que o nome será empregado.

Um teste usual para nos indicar o tipo de traço de um nome é o uso de numeral diante das expressões; se a expressão aceitar o numeral será um nome contável, mas se rejeitá-lo, trata-se de um nome [-contável].

1.3.1 Testando as formações deverbal e denominal frente ao estatuto massa vs. nome contável

Na seção precedente, no exemplo (35b) vimos que a formação denominal é bem formada quando sobre ela tem escopo um numeral,

- (39) a. A Maria deu duas facadas no Pedro.
b. A Joana deu dez bolsadas na prima.

Mas quando o escopo do numeral incide sobre a formação deverbal o resultado é a agramaticalidade das sentenças:

- (40) a. *A Maria deu duas pensadas no assunto.
b. *A Ana deu duas banalizadas no acontecimento.

O teste (38) produz um resultado bizarro se aplicado a estas formações, conforme ilustrado em (41):

- (41) a. ?não dei muita bolsada / não dei muitas bolsadas

b.* não dei muita pensada / *não dei muitas pensadas

É importante percebermos que este teste não parece seguro para a identificação dos traços [+contável] e [-contável] destes nomes, pois em (41a) ambas as seqüências são marginais e em (41b) ambas são agramaticais.

Talvez estas características só possam ser aplicadas à nomes comuns, conforme pontuam Mira Mateus *et alli* (1990:459), mas não podemos ignorar o fato de que a formação denominal aceita bem um teste crucial, em (39), imposto aos nomes contáveis e isso talvez possa ser favorável a dizermos que a formação denominal pode apresentar o traço [+ contável]. Quanto à formação deverbal, as coisas parecem mais obscuras, pois não responde aos testes nem como nomes contáveis nem tampouco como os nomes massivos. Uma solução seria assumirmos que a formação deverbal é neutra com respeito a estes traços ou este tipo de classificação não se aplica a ela. Se há plausibilidade nesta assunção, só um estudo mais profundo neste sentido poderá confirmar.

1.4 REPRESENTAÇÃO LEXICAL DA CONSTRUÇÃO "DAR UMA X-(A)DA"

Nesta seção, veremos que além de propriedades aspectuais distintas das sentenças bitransitivas com *dar* do PB, as construções "dar uma X-(a)da" também podem ser diferentes quanto ao seu estatuto temático. Basílio *et alli* (1994) apresentam uma discussão a respeito das diferentes propriedades semânticas do verbo *dar* pleno e do verbo *dar* com semântica relativamente vazia. Buscaremos respaldo nesta discussão das autoras

com a finalidade de ilustrar o comportamento distinto deste verbo dentro de diferentes construções.

Observe a sentença (42):

(43) A Maria deu a/uma bolsa para a prima dela.

Nesta sentença, o verbo *dar*, em seu uso pleno, corresponde a causar voluntariamente o Evento de transmissão de um objeto do causador para o receptor, afetando-o positivamente.¹⁵ Para utilizarmos a terminologia de Baker (1997), *A Maria* é a fonte, *a/uma bolsa* é o tema e *a prima dela* é a meta.

Seguindo o modelo apresentado por Basílio *et alli*, em termos de camada temática, o verbo *dar* envolve as seguintes noções:

- (44) - causação: presença de um agente que causa o movimento;
- voluntariedade: indicação de que o evento é causado voluntariamente;
- ponto de partida: presença de um objeto ao qual se destina o movimento;

¹⁵ De acordo com Basílio *et alli* (1994), para que a transferência do objeto que parte de um causador para um receptor se processe é necessário que tanto o *causador/ator* quanto o *receptor/afetado* tenham o traço [+animado]. Este modelo de análise de Basílio segue Jackendoff (1983), (1990). Neste modelo, "as estruturas conceituais são organizadas em duas camadas relacionais, mas independentes ." Assim, os papéis temáticos, estariam distribuídos nestas duas camadas (- cf. Basílio (1994:02):

- i. A camada temática, que envolve o processo de movimento de um tema, que toma uma direção a partir de uma fonte para uma meta, e a presença ou não de um fator causador desse processo (Jackendoff 1990:126 *apud* Basílio 1994:02). No caso específico do verbo *dar* todos estes papéis estão presentes.
- ii. A Camada acional explicita a relação que se estabelece entre ator e paciente. As relações entre ator e paciente podem ser: de oposição, neste caso o ator age negativamente sobre o paciente; de confluência de interesses entre ator e paciente, quando o segundo é considerado beneficiário da ação desempenhada pelo primeiro; e de permissão ou não oposição.

- animação: característica do ponto de chegada e do ponto de partida.

Observemos o que ocorre com as construções denominal e deverbal em oposição à sentença com o verbo *dar* pleno em (45).

(45) A Maria deu a bolsa para a Maria.

(46) a. A Maria deu uma bolsada no Pedro.

b. A Ana deu uma pensada na proposta.

Conforme vimos na seção 1.2, em (46) temos um evento de transmissão de um objeto a um receptor que o afeta positivamente; em (46a) o causador, a saber, *Maria*, causa um evento, cuja afetação é negativa. (46b) poderia ser analisada da seguinte forma: temos um causador, *Ana*, e um evento, já a afetação pode ser caracterizada como neutra. Se na sentença (46) o núcleo lexical *dar* é responsável pela atribuição temática, em (46) não parece ser ele ou apenas ele o responsável pela atribuição temática. Semelhante a (46), os exemplos em (47) parecem ser uma boa evidência de que de fato não é o verbo *dar*, ou apenas ele, o responsável pela subcategorização:

(47) a. Maria deu uma telefonada pro Pedro.

b. A Maria deu uma telefonada.

c.*A Maria deu um presente

As propriedades de subcategorização de *dar* descartariam imediatamente as sentenças (47b-c), já que o verbo *dar* têm três valências a serem preenchidas pelos argumentos selecionados por este núcleo. No entanto, (47b) é uma sentença bem formada na língua. Este fato pode ser explicado se assumirmos que, nesta construção, não apenas a forma nominalizada mas toda a expressão [dar uma X-da] é responsável pela seleção dos argumentos que compõem a cena, já que sabemos que [dar uma telefonada] exige apenas um argumento, uma propriedade de seleção do verbo que serve de base para a nominalização: telefonar: _____. Leia-se *telefonar* seleciona apenas um argumento, ao qual caberá o papel de agente.

As formações que seguem dão sustentação para o que estamos propondo:

- (48) a.*A pedra deu um bolo para o João.
b.*O João deu um bolo pra pedra.
c.*A pedra deu um presente pra cama.

Segundo Basílio (1994), o verbo *dar* em seu uso pleno tem como exigência que o causador ou agente e o receptor ou meta tenham o traço [+animado]; então, a causa da agramaticalidade das sentenças em (48) se deve ao fato de que o causador/agente e/ou a meta/receptor possuem o traço [-animado], quando exige o traço [+animado].

No entanto, a estória se revela diferente em (49): (49a) é uma sentença gramatical, enquanto (49b) é agramatical, dado que a propriedade *trincado* só pode ser atribuída ao NP [-animado], *copo* e não ao NP, *João*. O mesmo acontece com as formações em (49c, d), já que a propriedade *rasgável* só pode ser atribuída ao NP [-animado], *livro*.

- (49) a. O copo deu uma trincada.
b.*João deu uma trincada. (Ok se for no copo).
c.O livro deu uma rasgada.
d.*O João deu uma rasgada. (Ok se for em algum objeto rasgável)

Assim, os dados em (48) e (49) são mais uma evidência de que o verbo *dar* não é o responsável pela seleção dos argumentos, pelo menos não o único, uma vez que não reage ao traço de animacidade dos NPs que ocupam a posição de especificador, característica do núcleo lexical *dar*. Esta responsabilidade de subcategorização poderia ser então atribuída à expressão nominalizada, já que conforme revelam os dados acima é esta forma que está selecionando os argumentos.

Nesta seção, procuramos explorar as propriedades de subcategorização nas formações de verbal e denominal seguindo o modelo de análise de Basílio *et alli* (1994) proposto por Jackendoff (1983,1990); na próxima seção exploraremos esta mesma propriedade das formações em questão mas de uma perspectiva teórica diferente.

1.4.1 Um pouco de história: Léxico e Papel temático

O modelo sintático que adotaremos nesta dissertação é um modelo lexicalista. Segundo as teorias lexicalistas, um item lexical vem do léxico já com informações tanto categoriais quanto semânticas; dentro destas últimas podemos incluir as informações a respeito de sua grade temática. Então, quando o falante se depara com expressões como em (50), já sabe algumas informações sobre elas:

- (50) a. O João encontrou a Maria.
b. A conquista da lua pelos astronautas.

O item *encontrar* requer dois elementos, um para ser o *encontrador* e o outro para ser a *coisa encontrada*. Ao item que exige estes elementos na sentença, denominamos *predicado*; os elementos exigidos pelo *predicado* são conhecidos como *argumentos*. Portanto, um predicado expressa uma relação de sentido entre argumentos – a relação entre o predicado *encontrar* e os argumentos *o João* e *a Maria*. O fato de o falante saber como os argumentos estão relacionados através do predicado é indício de que ele sabe ao menos o que este predicado significa, isto é, que *conquista* requer dois argumentos, alguém que atue como conquistador e algo que seja a coisa conquistada. A este aspecto do sentido denomina-se estrutura argumental (- cf. Cook & Newson, 1996: 160).

No modelo sintático que adotamos, entende-se que a atribuição de papel temático se dá configuracionalmente na Estrutura Profunda (DS); dizer que a atribuição temática ocorre de forma configuracional significa dizer que a atribuição se dá em determinadas configurações, ou posições, da estrutura arbórea, conforme mostra o esquema a seguir (Miyoto *et alli* (2004:126)):

- (51) A Maria deu uma bolsa para a prima dela.

VP
t h
DP V'

A Maria	f p	
	V'	PP
	f i	pra prima dela
	V	DP
Dar		uma bolsa

A habilidade que estes predicados têm de “pedir” por argumentos ou impor restrições sobre eles é denominada de s-seleção (seleção semântica)..

Podemos pensar de que forma a informação lexical que nós discutimos se relaciona com os princípios da Teoria X-Barra. O elo desta relação é o chamado Princípio de Projeção. Este princípio assegura que a informação que vem do léxico, uma vez projetada na sintaxe, não pode ser alterada, como também não pode ser ignorada. Assim se, por exemplo, uma sentença possui argumentos a mais ou a menos do que um predicado seleciona, a sentença é agramatical. Deste modo, o predicado *dar* seleciona três argumentos, nem mais, nem menos do que isso; a falta de um ou o acréscimo de outro violaria o que se conhece como Critério Temático. O Critério Temático assegura que um e apenas um papel temático deva ser atribuído para um e apenas um argumento da sentença.

A Teoria- se ocupa com processos que investigam como ocorre a atribuição temática de uma entrada lexical, em que um argumento recebe papel de um predicado. À *transferência* de um papel de um predicado para os seus argumentos denomina-se marcação-. O Critério- é um processo bastante restrito de modo que um predicado não pode atribuir mais de um papel a um argumento na mesma posição da sentença. Segundo

Cook & Newson (1996), a proposta de Chomsky em *Barreiras* é a de que há uma condição de irmandade sobre a atribuição temática, isto é, os predicados só atribuem papéis aos seus irmãos. O papel temático do argumento externo é atribuído composicionalmente pelo X' (que é o X mais o complemento dele), isto é, não é apenas o núcleo que determina quais papéis temáticos um sujeito poderá receber, mas geralmente é a combinação núcleo – complemento que determinará o papel- do sujeito (Chomsky 1986).

Na próxima seção, verificaremos como ocorre a atribuição de papel- nas construções "dar uma X(a)da".

1.4.1.1 O Papel Temático nas construções "dar uma X(a)da"

Retomemos a sentença explorada em (52):

(52) A Maria deu uma bolsa pra prima dela.

Então, pelos princípios da Teoria X-Barra, os argumentos internos são caracteristicamente objetos: *uma bolsa, pra prima dela*, respectivamente; seus papéis temáticos são atribuídos pelo núcleo lexical, o predicado *dar*, a eles associado. Para o DP *uma bolsa*, o verbo atribui o papel temático TEMA; para o DP *prima dela*, o verbo atribui o papel META/ BENEFACTIVO. O argumento externo, por sua vez, é caracteristicamente o sujeito da sentença e o seu papel temático dependerá da relação estabelecida entre o verbo e o argumento interno da sentença. Portanto, em (52) o papel temático atribuído ao argumento externo é o de AGENTE. Cumpre notar, no entanto, que não há uma lista definitiva destes papéis : cada estudioso utilizam sua própria lista. A entrada lexical de um predicado inclui papéis- que são atribuídos aos argumentos, o que é conhecido na

teoria como a grade temática (cf. Cook & Newton, 1996:161). A grade temática do predicado de (52) será assim representada: dar <Agente, Tema, Meta>.

Observemos agora os exemplos em (53):

- (53) a. O copo deu uma trincada.
b. O livro deu uma amarelada.

Veja que não podemos estender a análise de uma sentença com o verbo *dar* pleno de (51) à formação deverbal em (53). O DP que ocupa a posição de Spec IP em (51), a saber, *a Maria*, recebe o papel de AGENTE, causador do evento, conforme supramencionado. Já os DPs que ocupam a posição de Spec IP em (53) não podem ser tomados como *causador* (nos termos de Jackendoff, 1983) ou AGENTE. A função temática destes DPs parece depender exclusivamente da formação deverbal e não do verbo *dar*, que aparentemente não parece atuar nestas formações. Sustentaremos a notação de Chomsky (1986) de que o elemento responsável por esta seleção é a nominalização em *-da* + o verbo *dar*, ou seja, seria uma espécie de predicado complexo [deu uma X-*da*] que atribuiria papel temático a este argumento que se comporta ora como sujeito ora como objeto direto, nos termos da gramática tradicional, semelhante a estruturas de alternância transitiva/intransitiva como mostra (54):

- (54) a. O copo trincou.
b. O João Trincou o copo.
c. O livro amarelou.
d. O tempo amarelou o livro.

De qualquer forma, o papel- que os DPs *o copo* e *o livro* recebem do predicado complexo é o de TEMA em todas as sentenças.

Observe as sentenças em (55):

(55) a. A Ana V' [[deu uma pensada] na proposta]].

b. A Maria V' [[deu]uma bolsada] no Pedro]

Em (55a) em que temos a formação deverbal, o predicado complexo [*deu uma pensada*] atribui papel- TEMA para *proposta* e o papel- de AGENTE para *A Ana*. Um fato de suma importância para a marcação desta formação é que o complexo parece operar na grade temática do verbo que dá origem à nominalização (c.f. Lopes & Souza, 2003). Se estamos admitindo que [*deu uma pensada*] é um tipo de predicado complexo que atribui papel- , e como todo predicado, ele só atribui papel- , mas não o recebe. Segundo Figueiredo Silva (cp.) isto quer dizer também que a idéia de composicionalidade de atribuição de papel- (V+argumento interno atribuem o papel do argumento externo) em construções transitivas normais é fundamentalmente diferente desta relação que se estabelece aqui, que é aliás muito semelhante (ou igual mesmo) com a que se estabelece nas expressões idiomáticas, visto que no caso particular destas expressões é o verbo complexo que atribui o papel temático do argumento externo.

(56) O João bateu as botas.

De acordo com Figueiredo Silva (cp.), em [O João bateu as botas], o DP *o João* recebe o papel temático destinado do verbo complexo e neste caso também não faz sentido perguntar sobre o papel- que recebe *as botas*, por exemplo.

Na formação denominal a marcação- ocorre de outro modo.

O argumento interno *uma bolsada* é tematicamente marcado como TEMA e o outro argumento interno *na Maria* é tematicamente marcado como ALVO; por sua vez, o sujeito da sentença que é selecionado pelo seu irmão V' é marcado tematicamente como AGENTE.

Cumprе destacar que as funções temáticas das formações denominais serão sempre as mesmas, ou seja, AGENTE, TEMA e ALVO, conforme ilustram as sentenças em (57):

(57) a. A Joana deu uma livrada na Ana.

b. A Maria deu uma mochilada no Pedrinho.

No que tange à formação de verbal, as funções presentes nem sempre serão as mesmas, isto é, os papéis temáticos dependerão crucialmente das propriedades temáticas do verbo base para a nominalização de verbal, conforme pudemos observar nas sentenças em (54) e (55a).

1.6 O CASO NAS FORMAÇÕES DE VERBAL E DENOMINAL

Nesta seção, faremos uma breve incursão à Teoria do Caso a fim de lembrar algumas noções básicas. Posterior a isso, investigaremos como ocorre a atribuição de Caso na construção "dar uma X-(a)da".

1.6.1 Uma breve retomada da Teoria do Caso

Em linhas gerais, a teoria do Caso é o módulo que atribui Caso Abstrato para DPs e fornece um princípio de explanação para diferentes aspectos do movimento (c.f. Cook & Newson, 1996: 223).¹⁶

A teoria do Caso estabelece a importante distinção entre Casos que são atribuídos a DPs em virtude de posições que eles ocupam na SS e Casos que são associados a argumentos de predicados particulares; os primeiros são conhecidos como Caso Estrutural e os segundos, como Caso Inerente. Assim, podemos afirmar que os Casos Nominativo e Acusativo são de caráter Estrutural, dado que são atribuídos em função das posições estruturais de Especificador de AGR e Complemento de V', respectivamente; o Caso inerente, por outro lado, ocorre na estrutura D, antes que se tenham qualquer tipo de movimento, isto é, este tipo de Caso já vem marcado no próprio item, ou em outros termos é por ele absorvido. Uma característica importante deste tipo de Caso é o fato de ele vir sempre acoplado a uma função temática específica (por exemplo, Genitivo, Partitivo, etc).

(58) apresenta um breve resumo dos tipos de Casos que podem ser atribuídos e em quais condições eles o são efetivamente

Os tipos de Casos que podem ser atribuídos e em quais condições.¹⁷

¹⁶ Tradução livre minha.

¹⁷ Mencionaremos aqui apenas os tipos de Caso relevantes para nossa discussão.

- (58) a. O Caso Nominativo é atribuído por AGR com certas características na SS para a posição de sujeito;
- b. O Caso Acusativo é atribuído por V transitivo na SS para a posição de objeto;
- c. O Caso Oblíquo é atribuído por P na DS para a posição de objeto;
- d. O Caso Inerente é atribuído na DS por atribuidores tais como V.

Cumpramos ainda mencionar que cada um dos elementos responsáveis pela atribuição de Caso tem um único Caso para descarregar, (Miotto *et alli*, 2004:176).

Uma vez colocadas as principais considerações sobre a Teoria do Caso, passaremos, na próxima seção, a verificar como acontece a atribuição de Caso nas formações deverbal e denominal.

1.6.1.2 A atribuição de Caso nas formações deverbal e denominal

Para fins de exposição, verificaremos a atribuição de Caso nas construções “dar uma X(a)da”, tomando primeiramente a formação denominal e num segundo momento a formação deverbal.

- (59) A Maria deu uma bolsada no Pedro.

A flexão *-eu* (AGR) atribui Caso nominativo ao argumento externo que se moveu para a posição Spec IP, o DP *A Maria*; a preposição atribui Caso Oblíquo ao DP *o Pedro*; o verbo *dar* atribui papel-TEMA para o DP *uma*. Portanto, parece que as propriedades temáticas da construção denominal se assemelham as da construção com o verbo *dar* bitransitivo normal.

Vamos assumir que a atribuição de Caso ocorre do mesmo modo em ambas as formações.

(60) A Maria deu uma pensada no assunto

O DP *A Maria* recebe Caso Nominativo da flexão *-eu*; dentro do PP *no Pedro*, a preposição é responsável pela atribuição de Caso oblíquo ao DP *Pedro*. E o Caso da formação *pensada*?

Vimos que os papéis temáticos na construção denominal serão sempre os mesmos, mas este não é o caso da construção deverbal que toma diferentes tipos de verbo para a nominalização e conseqüentemente poderá ter papéis temáticos diferentes. Então, se muda o papel temático, o Caso não pode ser inerente, deveria ser um Caso estrutural. A pergunta que se coloca é: tem Caso acusativo para atribuir para *uma pensada* ou este elemento, exatamente porque é um verbo disfarçado de nome, não precisa de Caso e tem sua visibilidade garantida por outros meios? Podemos fazer apenas uma afirmação com relação a isto: as relações temáticas dessa formação não são as mesmas que verificamos para a formação deverbal. Quaisquer outras afirmações só deverão ser feitas a partir de um estudo mais aprofundado que dependerá de pesquisas futuras.

1.7 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Este capítulo mostrou que as formações deverbal e denominal apresentam propriedades sintáticas bastante diferentes.

Na seção (1.2), verificamos a possibilidade de inclusão da construção “dar uma X(a)da” no âmbito das expressões idiomáticas. O resultado a que chegamos é que a formação denominal não poderia ser tratada no bojo das expressões idiomáticas, tendo em vista que aceitam toda sorte de manipulações internas. Segundo Bianchi (1993) a passiva não é permitida às expressões idiomáticas, mas vimos em (25) que a formação denominal aceita bem este tipo de manipulação. Se a reordenação de complementos só se aplica a argumentos verdadeiros e é rejeitada por complementos idiomáticos, então este é mais um argumento que desfavorece a caracterização desta formação do bojo das expressões idiomáticas, visto que ela aceita bem a reordenação dos seus elementos, conforme ilustrado em (28). Vimos, pelo quadro montado por Bianchi, que as expressões idiomáticas se distribuem em quatro classes e, neste sentido, poderia ser possível enquadrarmos a formação denominal dentro de uma delas, mas conforme pudemos perceber, as expressões idiomáticas de modo uniforme não aceitam a mesma quantidade de manipulações, nem tampouco apresentam a mobilidade que a formação denominal apresenta. Então, decididamente descartamos a possibilidade de tratar esta formação como expressão idiomática.

No âmbito das formações deverbais, no entanto, os resultados não foram tão claros. Poucas manipulações foram aceitas por estas formações tal como acontece com a maior parte das expressões idiomáticas da amostra de Bianchi (1993). As propriedades temáticas da construção deverbal também favorecem o seu enquadramento no âmbito das expressões idiomáticas, visto que as propriedades temáticas destas formações se assemelham àquelas encontradas nas expressões idiomáticas.

Se a autonomia, a produtividade e uma certa mobilidade da formação deverbal são razões atribuídas para que rejeitamos o seu tratamento como expressão idiomática, por outro lado os testes realizados neste capítulo, na seção 1.2.2 e as propriedades temáticas supracitadas, nos fornecem evidências para não descartarmos completamente esta possibilidade. Então, se não podemos classificar a formação deverbal como expressão idiomática, podemos ao menos afirmar que elas partilham muitas propriedades típicas estas expressões.

CAPÍTULO II

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DAS CONSTRUÇÕES "DAR UMA X-(A)DA"

2. INTRODUÇÃO

O estudo do funcionamento da construção "dar uma X-(a)da" é um trabalho nas interfaces da gramática, e como tal não poderia deixar de abordar as propriedades semânticas do fenômeno. Contudo, nosso objetivo primordial neste capítulo não é esgotar as investigações de cunho propriamente semântico, assim como também não foi e nem será o intuito dos demais capítulos, pois isso requereria muito mais profundidade do que pretendemos aqui. Nosso propósito, assim como no Capítulo I, é explicar as restrições que pesam sobre as formações de verbal e denominal, visando a estabelecer com clareza a distinção entre elas.

Neste capítulo centraremos nossas discussões no comportamento aspectual das formações de verbal e denominal, apresentando algumas razões para diferenciá-las. Na primeira parte do capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos que serão adotados neste capítulo, que compreendem desde Vendler (1967), passando por Verkuyl (1993) e Smith (1997).

Em seguida aplicaremos uma série de testes a estas formações com o intuito de delimitar as suas propriedades aspectuais. Ainda na tentativa de distinguir estas duas

formações, verificaremos se há possibilidade de enquadramento delas dentro de uma das categorias aspectuais.¹⁸

2.1 Pressupostos Teóricos

2.1.1 Vendler (1967) e Verkuyl (1993)

A categoria aspecto é de complexa definição, que está longe de se constituir um ponto pacífico entre os estudiosos. As definições de aspecto são fornecidas a partir de vários pontos de vistas. Por um lado, há os que consideram o aspecto como uma categoria gramatical que diz respeito ao modo de conceber ou experienciar uma ação expressa por um verbo; e, por outro, há os que não levam em consideração apenas o sentido expresso pelo verbo, mas, sobretudo a relação do verbo com outros elementos da sentença.

Vendler e Verkuyl são exemplos de estudos mais clássicos referentes a este assunto. Mas há diferenças nas abordagens destes dois estudiosos, as quais discutiremos rapidamente por considerarmos que estas análises se complementam em algum ponto.

Vendler (1967), a partir da classificação aristotélica dos verbos em *estado* e *evento*, estabeleceu uma tipologia de classes aspectuais para o inglês que levava em conta o predicado e seus argumentos, pois considerava que as mais variadas situações eram representadas também por diferentes tipos de predicados. De acordo com o autor,

¹⁸ Estamos nos referindo aqui à clássica categorização aspectual feita por Vendler (1967).

os verbos poderiam ser distribuídos em quatro classes aspectuais: estados, atividades, achievements e accomplishments¹⁹.

O esquema do tempo utilizado por Vendler para a construção da quadripartição aspectual é como segue (Verkuyl, 1993:34):

a. Estado: 'João amou Maria de t_1 até t_2 ' significa que em algum instante entre t_1 e t_2 'João amou Maria'.

b. Atividade: 'Ana estava correndo em t ' significa que t está num intervalo em que 'Ana estava correndo'.

c. *Accomplishment*: 'Beth estava desenhando um círculo em t ' significa que t está no intervalo em que 'Beth desenhou aquele círculo'.

d. *Achievement*: 'Pedro ganhou a corrida entre t_1 e t_2 ' significa que o instante em que 'Pedro ganhou a corrida' está entre t_1 e t_2 .

De acordo com Verkuyl (1993:33), na literatura sobre aspecto é difícil encontrar alguma contribuição que não faça menção a esta composição filosófica de Vendler. No entanto, a quadripartição criada por Vendler, cuja preocupação era apontar que os verbos podiam ser enquadrados numa das quatro classes aspectuais supramencionadas, apresenta alguns problemas. Segundo Verkuyl (1993:33), se a formação de aspecto é um processo que se dá a nível estrutural, é difícil ver como uma divisão lexical como a de Vendler possa ser mantida. Sob a perspectiva de Verkuyl, a classificação do aspecto deve estar baseada em qualidades semânticas das expressões verbais e deve incluir objetos e modificadores verbais. É aí, portanto que reside a

¹⁹ Estes dois últimos termos não apresentam uma tradução adequada para o Português; por isso serão usados os do inglês.

diferença crucial entre as duas abordagens, isto é, enquanto a classificação vendleriana está baseada nos valores aspectuais inerentes aos verbos, a tipologia de Verkuyl se assenta nos valores temporais que estão relacionados aos diferentes tipos de verbos.

Na tipologia estabelecida por Verkuyl faz sentido falarmos da distinção entre télico e atélico. Verbos télicos são concebidos como transitórios, exigem uma meta, uma conclusão. São exemplos de verbos télicos: *morrer* e *cair*.

Os verbos atélicos, ao contrário, são definidos como não-transitórios e nos remetem a processos que podem ser prolongados, portanto, processos que não admitem um limite. São exemplos destes verbos: *amar*, *estar*. Os verbos télicos são compatíveis com expressões pontuais (cf.1), já os verbos atélicos são compatíveis com expressões durativas (cf.2):

(1) a. A Maria partiu às treze horas.

b.*João amou Ana às treze horas.

(2) a.*A Maria partiu durante três horas.

b.João amou Ana durante dois anos.

Podemos dizer que, em certa medida, as concepções dos dois autores se complementam, pois o que Verkuyl toma como aspecto conclusivo recobre o evento de *accomplishment* de Vendler; o aspecto momentâneo de Verkuyl corresponderia ao evento de *achievement* de Vendler; por fim, o aspecto durativo de Verkuyl equivaleria a atividades e estados da terminologia vendleriana. Uma outra característica que deve ser

destacada nesta tipologia é que, enquanto estados são estáticos, os eventos e as atividades são dinâmicos.

O quadro que segue é uma junção das características das tipologias aspectuais encontradas em Vendler e Verkuyl:

Estados	Atividades	<i>Accomplishments</i>	<i>Achievements</i>
- Prog	+ Prog	+ Prog	- Prog ²⁰
Atélico	Atélico	Télico	Télico
Durativo	Durativo	Durativo	Instantâneo

Na próxima seção apresentaremos a proposta mais atual de Smith (1997) que, de algum modo, complementa as abordagens de Verkuyl e Vendler e será o “pano de fundo” para as nossas discussões.

2.1.2 Smith (1997)

Smith propõe, além das quatro clássicas classes aspectuais vendlerianas, vistas na seção 2.1.2, também uma quinta classe, a dos semelfactivos.

²⁰ Não estaremos testando este traço por sabermos que ele não é seguro quando aplicado ao PB, uma vez que podemos ter o progressivo na seguinte sentença estativa:

- ii. A Maria tem insônia.
- iii. A Maria está tendo insônia

Para estes cinco tipos de eventualidades, a autora propõe definições em termos de um conjunto de traços temporais, tais como: estático/dinâmico, télico/atélico, durativo/instantâneo, aos quais nos reportaremos a seguir.

Os traços estático/dinâmico bifurcam as eventualidades em classes de estados e eventos: estados são estáticos, eventos são dinâmicos. Dizemos que um evento é dinâmico, pois é constituído de estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferenciados.

Quanto aos traços télico/atélico, a autora destaca que Eventos télicos envolvem mudança de estado que constitui o resultado, ou meta, do evento. Quando a meta é alcançada, uma mudança de estado acontece e o evento está completo. A categoria de eventos télicos inclui eventos sem agentes. Em contraste, Eventos Atélicos são simplesmente processos, no sentido de que eles podem parar a qualquer hora: não há nenhum resultado. Em outras palavras, eventos atélicos têm ponto final arbitrário.

Finalmente quanto aos traços durativo/instantâneo, a autora faz notar que o traço instantâneo é puramente conceitual, uma idealização, tanto que um evento como [ganhar a corrida] pode levar vários milissegundos, sem arruinar sua categorização como instantânea.

Resumindo, na proposta de Smith, as cinco classes aspectuais podem ser definidas em termos binários por este grupo de traços supracitados:

	Estático	Durativo	Télico
Estado	+	+	-
Atividade	-	+	-
<i>Accomplishment</i>	-	+	+

<i>Semelfactivo</i>	-	-	+
<i>Achievement</i>	-	-	+

Atividades, portanto, apresentam os traços [dinâmico], [atético], [durativo], não apresentando um ponto final.

Segundo a autora, há três tipos de atividades: uma classe consiste em processos que são em princípio ilimitados, como [dormir], [empurrar um carrinho], [rir]; outra classe tem indefinidamente muitas fases internas, como [comer cerejas]; e há também as atividades derivadas, *shifted*. Segundo Smith as atividades, de modo geral, podem envolver seres animados ou eventos de movimento, atividade e/ou volição (Smith, 1997:24-25).

Eventos do tipo *accomplishments* são compostos por um processo e por um resultado, ou mudança de estado; sendo esta mudança a conclusão do processo; *accomplishments* são intrinsecamente finitos e têm fases sucessivas nas quais o processo avança em direção ao seu ponto final natural. O estado resultante de um *accomplishment* pode ou não continuar.

Eventos téticos, como *accomplishments*, por exemplo, podem ser classificados pelo tipo de resultado que eles provocam, como mostra (3):

(3) Tipos principais de Resultados

Objeto afetado: [quebrar um vaso]

Objeto construído: [escrever um livro]

Objeto consumido: [destruir uma casa]

Experienciador afetado: [divertir Maria]

Trajectoria-Meta: [caminhar até o lago]

Semelfactivos são eventos de estágios simples com ou sem resultado. Eles têm os traços [dinâmico], [atélico], [instantâneo]. São exemplos de semelfactivos: *bater a porta*, *soluçar*.

Achievements são eventos instantâneos que resultam na mudança de estado. Eles têm a propriedade de serem [dinâmico], [télico], [instantâneo]. Estágios preliminares ou resultantes podem ser associados com o evento, mas eles não podem ser considerados parte dele. Isto é verdade embora muitos *achievements* tenham um processo preliminar a eles associado; em tais casos não há nenhuma relação parte-todo. Uma sentença de *achievement* é verdadeira apenas para um momento do evento. Se *Maria ganhou a corrida* é verdade para um tempo T, não se segue que *Maria estava ganhando a corrida* é verdade naquele momento. O esquema temporal de um *Achievement* consiste de um único estágio, que é uma mudança de estado.

Os estados resultantes de um *Achievement* são como os dos *Accomplishments*, conforme ilustra (4):

(4) Principais tipos de resultados para *Achievements*

Objeto afetado: [Quebrar uma xícara], [rasgar um papel]

Objeto construído: [imaginar uma cidade], [definir um parâmetro]

Objeto consumido: [explodir uma bomba]

Experienciador afetado: [ver um cometa]

Trajectoria-meta: [alcançar o topo], [chegar em Boston]

Alguns *achievements* requerem estágios preliminares e podem ser convencionalmente necessários, como em [ganhar a corrida]: para ganhar a corrida alguém deve correr. Outros *achievements* têm preliminares em alguns casos e, em outros, não, por exemplo: [eu reconheci o João] pode ocorrer com preliminares: Eu posso conhecer o João em uma festa e gradualmente ir achando-o familiar, eventualmente reconhecendo-o como um conhecido de anos atrás. Mas posso reconhecer João instantaneamente. Neste último caso não haveria preliminares, mas um estágio único.

Estados se caracterizam por situações estáveis que se aplicam a um momento ou a um intervalo, (conforme se pode observar em (5a). Eles têm os traços temporais [estático] e [durativo]. Estados consistem de um período único indiferenciado e sem estrutura interna. Eles não são dinâmicos como atividades e eventos. Estados podem ser tidos como sentenças habituais, já que o esquema temporal se aplica a um intervalo, característica típica de um estativo (conforme se pode observar em (5b). Os pontos inicial e final de uma sentença estativa não fazem parte de um estado, são situações distintas, enquanto constituindo mudanças de estado.

- (5) a. Ana acredita em fantasmas.
b. Meu gato come ratos freqüentemente.

Por fim, queremos destacar dois aspectos importantes da abordagem de Smith: a observação de que as posições argumentais de sentenças de eventos, *accomplishments* e *achievements*, são preenchidas por nomes contáveis, enquanto que as posições argumentais de sentenças de estado ou atividade são saturadas por nomes de massa; o segundo é a existência de um ponto final intrínseco/ natural que define eventos do tipo *accomplishments*

e *achievements*, enquanto que o ponto final arbitrário externo à eventualidade define sentenças de atividade, sentenças de estado e semelfactivos.

2.2 O COMPORTAMENTO ASPECTUAL DAS CONSTRUÇÕES COM *DAR*

As primeiras seções apresentaram rapidamente as propostas clássicas de Vendler (1967) e Verkuyl (1993) e também a recente proposta de Smith (1997) para a classificação dos verbos em categorias aspectuais. Buscaremos respaldo nestas discussões para, nas seções subseqüentes, fazer a análise das formações deverbal e denominal. Para tanto começaremos aplicando as propostas mais clássicas, a de Vendler e a de Verkuyl, e quando pertinente nos respaldaremos no modelo de análise de Smith, por esta complementar de forma cabal as discussões daqueles dois primeiros autores.

2.2.1 Sentença bitransitiva com *dar* vs. construções em *-(a)da*

Observe a sentença bitransitiva com o verbo *dar* em seu uso pleno:

(6) A Maria deu uma bolsa para a prima dela.

Esta sentença é constituída de um único estágio, no qual há mudança de estado em direção a um objeto afetado, a saber, *a prima dela*. Possui os traços [dinâmico], [instantâneo] e [télico]. Dinâmico porque envolve movimento de um objeto, *uma bolsa*, em

direção a um receptor, *a prima dela*, instantâneo, porque ocorre num único estágio; e télico porque envolve mudança de estado que constitui o resultado ou a meta deste evento. Portanto, de acordo com todas estas características temos um evento do tipo *achievement*.

Por outro lado, as sentenças de (7) parecem apresentar propriedades bastante diferentes daquelas encontradas na sentença bitransitiva do PB. Observe:

(7) a. A Maria deu uma conversada com o João.

b. A Ana deu uma bolsada na prima dela.

Embora (7) se assemelhe à sentença (6), só em aparência podemos aproximá-las, já que as propriedades que as definem são ligeiramente distintas. Segundo Scher (2004:85), as formações (7) podem ser definidas em termos de CVL, ou seja, são construções com verbo leve que se distingue da construção bitransitiva em (6), dentre outras propriedades, por seus traços aspectuais. Se em (6) a sentença com verbo pleno *dar* expressa um *achievement*, em (7) as sentenças não só possuem características que as distanciam de (6) e nos impedem de classificá-las sob o mesmo rótulo, como também se distinguem entre si, ou seja, também as sentenças (7a) e (7b) não apresentam o mesmo comportamento aspectual.²¹

Ainda que a presença de *dar*, em (6), nos diga que o evento é instantâneo, isto é, que ele ocorre num único momento, para a análise da sentença com a formação deverbal (7a), ao contrário, somos forçados a dizer que a eventualidade se caracteriza por apresentar sucessivos estágios para a qual só se pode prever um ponto final arbitrário. Esta sentença é

²¹ Para uma análise detalhada de *dar* como verbo leve, consultar Scher (2004).

portadora dos seguintes traços: [dinâmico], [atélico], [durativo]. Dinâmico, conforme vimos acima, porque envolve movimento; atélico porque não tem um ponto final natural, mas arbitrário; e durativo por ocorrer em vários estágios. Se (7a) é uma atividade, conseqüentemente, seguirá o padrão de acarretamento de uma atividade: se um evento de atividade A se aplica a um intervalo I, então o processo associado com aquele evento se aplica a todos os intervalos de I, até a intervalos muito pequenos para a descrição de A. Em outras palavras, se *Maria deu uma conversada com Pedro* e este evento de conversar foi das 13 às 14 horas, então é verdade que às 13:45 o evento ainda estava em processo.

Já a eventualidade denotada pela formação denominal (7b) é [dinâmica], pois envolve movimento; é [instantânea], porque envolve apenas um estágio e [télica] porque envolve mudança de estado que constitui o resultado ou meta do evento. Isto é, *a prima dela* passa do estado de não agredida a agredida; neste caso, *Maria* constitui-se como agressora e *uma bolsada* como o objeto/ instrumento utilizado para a agressão. Quando a meta é alcançada, dizemos que a mudança de estado aconteceu e o evento então se completou.

Num primeiro momento, verificamos que o comportamento das formações deverbal e denominal não é tão uniforme quanto se poderia pensar numa análise superficial, pois embora apresentem estruturas semelhantes à da sentença bitransitiva com *dar*, estas construções conservam propriedades bastante distintas, inclusive que as diferenciam entre si. Explorar o comportamento aspectual destas formações procurando delimitar suas características será o objetivo da próxima seção.

2.3 Que propriedades aspectuais podemos encontrar nas formações deverbal e denominal?

Conforme ilustrou o primeiro capítulo desta dissertação, as formações que compõem as construção “dar uma X-(a)da” não apresentam um comportamento sintático uniforme, isto é, manipulações que são aceitas pela formação denominal, na maioria das vezes, são rejeitadas pela formação deverbal. Vimos também que as relações temáticas de uma sentença bitransitiva com *dar* do PB não são as mesmas que se estabelecem entre as formações que compõem a construção. Além disso, vimos brevemente na seção anterior que as propriedades aspectuais das formações deverbal e denominal não são as mesmas de uma sentença bitransitiva com *dar* do PB e, ainda, parece que a formação deverbal em algum ponto também se afasta da formação denominal. Nesta seção, procuraremos checar com mais vagar se esta última distinção pode ser realmente sustentada e quais propriedades aproximam ou distanciam estas formações.

2.3.1 Testando a formação deverbal

Na seção 2.2.1 apresentamos as propriedades aspectuais de uma sentença bitransitiva com *dar* do PB e verificamos que há uma diferença em relação à construção “dar uma X (a)da”. Vimos também que as diferenças não se limitam àquelas encontradas entre a sentença bitransitiva e a construção em *-(a)da*, mas parece também haver propriedades distintas no interior das formações em *-(a)da*. Vamos nesta seção aprofundar o conhecimento destas propriedades diferenciadoras.

Recordemos que a divisão feita por Vendler (1967) é de cunho lexical e por isso nos primeiros testes tomaremos os verbos segundo a quadripartição vendleriana para testá-los na composição da construção “dar uma X *-(a)da*” .

De acordo com a classificação de Vendler (1967), as sentenças em (8) são compostas por verbos que denotam estado, em que vale dizer que se X^{22} está num intervalo de t_1 até t_2 então podemos dizer que em algum instante entre t_1 e t_2 X aconteceu. No entanto, temos como resultado sentenças agramaticais de (8):

- (8) a. *A Maria deu uma amada no João
b. * A Maria deu uma acreditada no Pedro

Em (9) temos sentenças gramaticais formadas a partir de verbos que denotam atividade. A sentença (9b), em especial, é uma grande evidência de que estas formações aceitam verbos de atividade, pois utiliza o mesmo verbo empregado por Vendler para exemplificar uma atividade.

- (9) a. A Maria deu uma conversada com o João.
b. A Ana deu uma empurrada no carrinho.

As sentenças em (10) nos mostram que as construções "dar uma X-(a)da" parecem ser bem formadas também com verbos de evento de *accomplishment*, embora (10a) seja excluída. No entanto, a exclusão de (10a) não se deve a uma restrição de caráter semântico, mas de caráter morfológico, pois verbos cuja formação de particípio passado não é "transparente" ou regular não podem compor a construção em -(a)da, (cf. Basílio,

²² X aqui corresponde a um verbo estativo.

2001:03). Já os exemplos em (11) com verbos de evento do tipo *achievement* são barrados.²³

(10) a.* Maria deu uma fazida de/no sanduíche.

b. A Maria deu uma desligada na luz.

(11) a.* Ela deu uma ganhada na corrida

b. *A Maria deu uma morrida

Nos exemplos de (8) a (11), aplicamos os testes de acordo com as características da quadripartição vendleriana, e o resultado a que chegamos é o de que a formação deverbal não pode ser construída a partir de verbos estativos e de *achievements*.

Verkuyl (1993) diz que uma análise nestes moldes cobre apenas parte da estória aspectual das sentenças, mas deixa de fora alguns pontos fundamentais, pois já que o aspecto é um processo que ocorre no nível da estrutura, uma divisão lexical como a de Vendler (1967) é bastante problemática. Conforme vimos na seção 2.2.1, para Verkuyl a classificação do aspecto deve ter como base, além das propriedades destacadas por Vendler (1967), qualidades semânticas das expressões verbais, incluindo objetos e modificadores verbais.

²³ Ana Paula Scher (c.p.) nos deu uma sentença em que o verbo *morrer* poderia ser empregado na construção em *-(a)da* como exemplo de *achievement*: *o carro deu uma morrida*. No entanto, de acordo com Tereza C. Wachowicz e Roberta Pires de Oliveira (c.p.), não se sabe até que ponto este pode ser um exemplo comparável a *Maria morreu*/**Maria deu uma morrida* e por isso optamos por não colocar este exemplo no corpo da dissertação.

Assim, no teste que faremos a seguir acrescentaremos aos exemplos os modificadores de acordo com o modelo de Verkuyl (1993).

- (12) a. A Maria deu uma conversada com o Pedro *por/durante* dois dias.
- b. *A Maria deu uma conversada com o João em dois dias.
- c. A Maria deu uma pintada na casa às 13:00h/*em* dois dias.
- d. *A Maria deu uma pintada na casa *por* dois dias.

De acordo com Lisboa de Liz (no prelo), em (12a) temos uma eventualidade atélica, por isso compatível com a noção de incompletude imposta pelo modificador encabeçado pela preposição *por*; (12b) confirma a idéia de estarmos tratando de uma eventualidade atélica, já que a sentença se mostra incompatível com o modificador *em dois dias*, cuja noção é de completude. Assim, em (12 a) não estamos tratando de uma sentença de evento. Já as sentenças em (12c-d) nos apontam justamente o contrário, isto é, (12c) pode ser modificada por *em dois dias*, enquanto que (12d) mostra a incompatibilidade com o modificador *por dois dias*. Isto coloca de um lado (12a) como uma sentença não-eventiva e de outro (12c) como uma sentença de evento. As informações que nos prestam estes modificadores serão mais bem entendidas a partir de Gonçalves (2002:16), pois segundo este autor,

“quando dizemos que alguma coisa é feita, ou ocorre, em quinze minutos, estamos falando sobre o tempo que levou para essa ação se completar e não do intervalo durante o qual ela é feita, ou ocorre; quando dizemos que alguma coisa é feita, ou ocorre, por quinze minutos estamos falando do intervalo em que uma coisa é feita, ou ocorre, não

do tempo que foi necessário para que ela se completasse, é possível, aliás que não tenha se completado.”

Com o teste apresentado em (12) colocamos de um lado as sentenças de atividade e estado, (12a), e de outro as sentenças de evento, (12c), já que uma atividade se caracteriza, dentre outros traços, por ser [+ atética], ou seja, se possuir um limite será arbitrário, enquanto os eventos são de natureza [+ tética], sem um limite intrínseco. No entanto, este teste com modificadores também não basta para identificarmos a classe aspectual a que pertence a formação deverbal, uma vez que (12a), segundo o critério dos modificadores, denota tanto estado quanto atividade; o mesmo ocorre com a sentença (12c) que pode ser tanto um *achievement* quanto um *accomplishment*, dado que este modificador é compatível com verbos que denotam eventos, mas não há especificação a respeito do tipo de evento.

Nosso próximo passo será a aplicação do modelo de Smith (1997) que é uma extensão das propostas clássicas de Vendler e Verkuyl, mas com a adição de alguns traços que podem tornar mais precisa a nossa análise.

Vimos na seção 2.2.2 que Smith (1997) emprega um conjunto de traços que distinguem cinco classes aspectuais, ou seja, além das quatro classes vendlerianas, a autora acrescentou uma quinta, a dos semelfactivos, como vemos em (13) abaixo:

(13) Classes aspectuais	Traços
a. estado	[estático, durativo, atético]
b. atividade	[dinâmico, durativo, atético]

c. <i>accomplishment</i>	[dinâmico, durativo, télico]
d. <i>achievement</i>	[dinâmico, instantâneo, télico]
e. <i>semelfactivo</i>	[dinâmico, instantâneo, atélico]

As sentenças abaixo podem ser analisadas na esteira deste modelo:

(14) a. A Maria deu uma conversada com o Pedro.

b. A Maria deu uma desligada na tv para poder ouvir a vizinha.

A sentença em (14a), que retoma a sentença (9), possui o traço [dinâmico], pois é constituída não por um, mas por vários estágios; possui, além disso, o traço [atélico], dado que a sentença não expressa um resultado, nos termos de Smith (1997), ou, nos termos de Verkuyl (1993), não há um limite natural; e possui ainda o traço [durativo], porque a eventualidade se estende no tempo. (14a) caracteriza-se, portanto como uma atividade, tal como na análise aos moldes de Vendler (1967) realizada em (9) acima.

A sentença em (14b), por outro lado, apresenta em comum com (14a) apenas o traço [dinâmico] e se distancia nos demais traços. A diferença entre elas se define pelo traço [télico], ou seja, em (14b) há mudança de estado: *a tv* passa do estado de *ligada* para o estado de *desligada*; e ainda pelo traço [instantâneo], isto é, a mudança de estado se deu num só momento sem qualquer duração. Trata-se, portanto, de um evento do tipo achievement.

Analisemos agora a sentenças em (15):

(15) A Maria deu uma pintada na casa.

Aparentemente poderíamos encontrar as mesmas propriedades aspectuais de (14a) em (15); no entanto, esta é uma sentença um pouco mais complexa, pois o fato de a *Maria ter dado uma pintada na casa* não implica que *Maria pintou a casa*, isto é, se o evento só pode ser considerado como completo a partir do momento em que a casa estiver toda pintada, então o evento não se completou e, portanto, não se atingiu nenhum resultado; agora, se tomarmos como evento toda a expressão [dar uma pintada], isto é, num sentido não-composicional, então podemos prever um fim e uma mudança de estado: antes de *Maria pegar o pincel e passar algumas vezes na parede* tínhamos uma parede toda branca, após a *Maria pegar o pincel e dar uma pintada de azul na casa*, a casa ficou azul e branca, neste caso então, podemos dizer que houve uma mudança de estado: a casa que era só branca passou a ter as cores azul e branco. Portanto, a sentença em (15) expressa uma eventualidade dinâmica, durativa e télica, um *accomplishment*. Já se a análise fosse seguir as propriedades da paráfrase equivalente com o verbo que serve de base para a nominalização, a saber, *A Maria pintou a casa*, teríamos que considerar o evento como completo apenas se de fato a casa estivesse toda pintada.

Pelo exposto até aqui, não encontramos uniformidade no comportamento da construção deverbal, isto é, algumas sentenças podem expressar eventos de *achievement*, como em (14b); ou *accomplishment*, como em (15); e ainda podem expressar uma atividade, como em (14a); no entanto, não podem denotar estado (cf.8), já que o traço [dinâmico] é proeminente em todas as ocorrências da construção em *-(a)da*.

Pelo comportamento bastante disparatado que apresenta a formação deverbal, torna-se impossível a tarefa de enquadrá-la em uma única classe aspectual. E ainda de acordo com Lisboa de Liz (no prelo) estas construções são bastante produtivas, no que diz respeito aos tipos de verbo que podem servir de base para as nominalizações. A construção

deverbal pega diferentes tipos de verbos, das quatro classes aspectuais, isto é, atividades, *accomplishments*, *achievements* e semelfactivos. Esta construção rejeita, apenas, verbos portadores do traço [+ estativo], portanto, seria pouco provável que esta construção, uma vez tomando diferentes tipos de verbos, cada um com seus traços aspectuais inerentes, pudesse ser inserida em apenas uma classe aspectual.

Lisboa de Liz (no prelo) acrescenta ainda que o estatuto aspectual desta formação além de depender do estatuto do verbo que servirá de base para a nominalização em *-da*, dependerá adicionalmente das propriedades do verbo *dar*, pois, segundo ela, se o sentido da expressão é de fato composicional, é de se esperar que o verbo *dar*, embora sendo um verbo leve preste suas contribuições aspectuais para a sentença.

2.3.2 O comportamento aspectual da formação denominal

Na seção anterior, checamos as propriedades aspectuais da formação deverbal; o resultado de nossas investigações nos apontou um comportamento bastante variável destas formações. Conforme pudemos observar, as razões para esta "variabilidade" de comportamento se devem basicamente às propriedades aspectuais da forma verbal que serve de base para a nominalização. No entanto, quando estamos diante de uma formação de cunho denominal, os resultados devem ser distintos, já que as contribuições aspectuais obtidas a partir de informações trazidas pela base verbal não existem neste tipo de formação devido, justamente, ao estatuto da base, a saber, uma base de caráter nominal.²⁴

Assim, não poderemos aplicar os testes que realizamos na seção anterior, ao menos não em sua totalidade, já que propostas como as de Vendler (1967) se limitam a um

²⁴ A discussão sobre o estatuto das bases que dão origem ao nominal derivado será feita no Capítulo III.

juízo de cunho lexical, ou seja, levando em consideração apenas o estatuto aspectual do próprio item lexical, a saber, o verbo de uma sentença. Conforme discussão no Capítulo III, *-(a)da* denominal não tem um verbo como base para sua formação. Portanto, nossa investigação sobre a formação denominal terá respaldo apenas na proposta de Smith (1997).

Observe as sentenças que seguem:

- (16) a. A Maria deu uma bolsada na Ana.
b. O João deu uma livrada na cabeça do Pedrinho.
c. O João deu uma facada no Ptolomeu.

O sentido veiculado por estas sentenças é o de agressão: *X agrediu Y com Z*. Nesse ponto, podemos afirmar que a interpretação desta formação será sempre basicamente a mesma, variando apenas o "objeto" que serve de instrumento para a agressão, isto é, *bolsa* em (16a), *livro* em (16b) e *faca* em (16c).

A sentença (16a) expressa uma eventualidade dinâmica, instantânea e télica. De acordo com Smith (1997), o traço [dinâmico] é aplicado a esta sentença em oposição à ausência do traço [estático] encontrado apenas em eventualidades estativas; o traço [instantâneo] se justifica pelo fato de a eventualidade ocorrer num momento único; já o traço [télico] pode ser explicado pelo fato de a eventualidade ter um limite e ainda por envolver movimento de um "objeto" em direção a uma Fonte, na qual há mudança de estado: a Maria estava sem marca alguma no corpo até que foi agredida por alguém com uma bolsa e lhe ficou uma mancha roxa na região atingida. A análise de (16a) pode ser estendida a (16b) e as mesmas propriedades encontradas na primeira sentença também compõem a segunda. Segundo Lisboa de Liz (no prelo), neste caso parece haver uma

contribuição maior do verbo *dar* à construção, que parece ser menor nas construções com o deverbais. Talvez a menor contribuição ou influência (ou ainda peso aspectual) de *dar* nas construções com o deverbais se deva à existência de paráfrases com os verbos que serviram de base para as nominalizações, já que, de acordo com Scher (2004), as CVLs com *dar*, mais precisamente as formações em *-da* deverbais, parecem manter o estatuto aspectual das suas paráfrases. Isto não ocorreria em (16), visto que a nominalização em *-ada* não parece ter como base um verbo:

(17) a. *A Maria bolsou o João

b. * A Maria mochilou o João

Portanto, uma paráfrase semelhante à da formação deverbais, para o caso dos denominais, é impossível. Podemos sim depreender o sentido geral denotado pela construção composta pela formação denominal, *Z feriu/agrediu X com Y*, mas nada além disso.

Scher (2004:123) afirma que predicados desta natureza não são compatíveis com noção de completude e conseqüentemente não podem co-ocorrer com verbos como *acabar*.

Agora perceba que a autora, quando incorre faz esta asserção, realiza o teste com a paráfrase da construção:

(18) a.*O ladrão acabou de atingir o dono da loja com uma faca.

b.* O ladrão acabou de atingir a cobra com um pau.

Ora, o que estamos testando é a construção formada a partir da expressão denominal e não uma paráfrase dela. E ainda que as sentenças em análise fossem estas, nossos julgamentos de gramaticalidade não seriam estes, visto as sentenças em (18) são perfeitamente possíveis.

O teste que autora realiza com o verbo *acabar* é só mais uma evidência de que estas construções suportam eventos télicos, conforme mencionamos acima, e são compatíveis com a noção de completude, observe:

- (19) a. A Maria acabou de dar uma bolsada na Ana, a menina ficou toda roxa.
b. O ladrão acabou de dar uma facada no Pedro e fugiu pelo quintal.

Além disso, temos dúvida quanto à paráfrase em (18) feita pela autora com o emprego do verbo *atingir*, pois parece que *atingir* não implica intenção de realizar o ato, enquanto *agredir* parece apresentar esta relação de sentido que é justamente o que formações deste tipo parecem denotar.

Lisboa de Liz (no prelo) afirma que o comportamento das formações denominais frente ao teste de pontualidade se revela determinante para o estabelecimento das propriedades aspectuais:

- (20) a. A que horas o Pedro deu uma facada no João?

Às 10:30.

- b. A Alicinha deu uma pedrada na cabeça da Fabi às 11:00 da manhã e ainda tem um galo enorme.²⁵
- c. A Maria acabou de dar uma mochilada na Ana.

O conjunto em (20) nos diz que no que tange à formação denominal podemos sempre precisar com exatidão o momento em que ocorreu a eventualidade, isto é, estas formações possuem um caráter pontual intrínseco. De acordo com Verkuyl (1993), eventos télicos são compatíveis com expressões pontuais (cf.18); já os verbos atélicos são compatíveis com expressões durativas. Portanto, confirma-se nossa hipótese inicial de que em termos de formação denominal a uniformidade é constante e teremos sempre na formação denominal um evento do tipo *achievement*, cujos traços são [diâmico], [télico], [instantâneo].

2.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Discutimos, neste capítulo, as propriedades aspectuais da construção “dar uma X-(a)da” e conseguimos estabelecer a distinção entre as formações deverbal e denominal.

Num primeiro momento exploramos as propriedades aspectuais da construção bitransitiva com *dar* pleno e as confrontamos com as características encontradas na construção “dar uma X-(a)da”; o resultado mostrou que pelo menos a formação deverbal mantém características distintas da construção com *dar* pleno.

Uma vez estabelecida esta distinção, checamos o estatuto aspectual das formações deverbal e denominal. Primeiramente aplicamos uma série de testes baseados

²⁵ Essa sentença me foi dada por Marco Antonio Martins (c.p.).

nas propostas de Vendler (1967), Verkuyl (1993) e Smith (1997) e assim chegamos às propriedades aspectuais da formação deverbal; os testes que nos serviram de ferramenta analítica nos apontaram que esta formação é portadora dos traços aspectuais do verbo *dar* aliadas às informações trazidas por X (a base da nominalização). O X em questão é um verbo, cuja propriedade aspectual irá variar entre atividades, *accomplishments*, *achievements* e semelfactivos. O importante a ser destacado é que esta formação admite quaisquer eventualidades desde que não tenham o traço [+estativo].

A formação de cunho denominal apresenta um comportamento ligeiramente distinto, pois o X que é base para a nominalização possui os traços [-V, +N], um nome, portanto²⁶; em se tratando de um nome, este passaria a depender quase que exclusivamente das propriedades aspectuais do verbo da construção, a saber, o verbo *dar*. Os traços [dinâmico], [instantâneo] e [télico] característicos de uma sentença bitransitiva típica com *dar* se mantêm nas sentenças em que estão presentes as formações denominais. Em suma, o que queremos salientar é que do complexo [dar uma X-*ada*] denominal a maior (se não a total) contribuição aspectual estaria vindo do verbo *dar*, diferentemente do que acontece com a formação deverbal, que depende exclusivamente das propriedades e traços aspectuais provenientes dos verbos base para a nominalização deverbal.

²⁶ O estatuto das bases que entram para a nominalização será um dos assuntos em discussão no Capítulo III.

CAPÍTULO III

ANÁLISE MORFOLÓGICA DAS CONSTRUÇÕES "DAR UMA X- (A)DA"

3. INTRODUÇÃO

Nos capítulos I e II investigamos o comportamento da construção "dar uma X-(a)da", descrevendo as propriedades das formações denominal e deverbal. No capítulo I mostramos que, no tocante à formação deverbal, embora não possamos afirmar categoricamente que ela é uma expressão idiomática, esta formação preserva um comportamento muito semelhante ao de uma expressão idiomática. Por outro lado, apontamos que a formação denominal não se identifica em nenhum momento com NPs idiomáticos.

No capítulo II verificamos que o comportamento aspectual da formação deverbal não é estável e assim a inclusão desta formação numa única classe aspectual é impossível, já que as características aspectuais da formação variam de acordo com o tipo de verbo que serve de base para a nominalização. Em contraste, a formação denominal apresentou um comportamento muito uniforme de tal modo que nos foi possível inseri-la numa única

classe aspectual, em razão de as contribuições aspectuais virem de maneira geral do verbo *dar*.

O objetivo primordial deste capítulo é investigar quais as propriedades morfológicas que definem por um lado a formação deverbal e, por outro a formação denominal. A partir das diferenças sintáticas e semânticas destas formações, discutidas nos capítulos anteriores, pretendemos verificar se também os processos morfológicos que atuam na constituição delas são diferentes.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 3.1 apresentamos o estudo de Basílio (1999) a respeito das propriedades e restrições que pesam sobre a formação deverbal. Na seção 3.2 exporemos as considerações de Mira Mateus *et alli* (1990) que será o nosso referencial teórico principal neste capítulo. Na seção 3.3 começamos nosso trabalho de investigação no tocante ao processo de formação das expressões deverbal e denominal com ênfase nas discussões de Basílio (1999); na seção 3.4, apresentamos algumas alterações no nosso modo de olhar para estas formações com a finalidade cercar um pouco mais o nosso objeto de estudo. Abrimos a seção 3.5 confrontando algumas características dos sufixos que compõem as formações deverbal e denominal com as propriedades dos sufixos derivacionais e flexionais, apresentados na seção 3.1.2, com o objetivo de descobrir a natureza deles. Finalmente, na seção 3.6 explicaremos dos termos *deverbal* e *denominal* que adotamos nesta dissertação e na seção 3.8 apresentamos a conclusão deste capítulo.

3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3.1.1 Basílio (1999)

Basílio discute a utilização do termo *regra* no âmbito da teoria lexical e salienta que a noção dentro da teoria lexicalista em geral é pouco clara. Mas no caso específico de Regras de Formação de Palavras, se deve conceber este processo "como representações de processos de formação de palavras, entendidos estes como produtos de operações de analogia de uso freqüente, e como tais são estocados no léxico como instrumentos de utilização direta na formação de palavras" (p. 207). Ou então devemos seguir a noção estabelecida por Anderson (1992), na qual "as Regras de Formação de palavras são generalizações indutivas, que se depreendem da verificação da estruturação recorrente de formas feitas" (p. 207); sendo assim, a regra não pode, neste sentido, ser entendida como lei, e o termo mais adequado para estas leis seria *padrões de configuração estrutural*.

Num segundo momento Basílio trata da questão clássica da definição de palavra, argumentando que quer em abordagens tradicionais e estruturalistas, quer em abordagens gerativas não é reservado lugar para expressões que escapam do nível da palavra morfológica. Ao contrário, pensa-se em lexemas, isto é, palavras que "apresentam um único correlato formal vocabular" (p. 208). O que a autora percebe é que ao limitar o estudo do processo de formação de palavras ao domínio da palavra não é suficiente para explicar uma série de estruturas lexicais como é o caso da construção "dar uma X-da". O termo adequado em lugar de "processo de formação de palavras" seria "processos de formação de unidades lexicais". A seguir arrolaremos algumas das propriedades da construção "dar uma X-da" destacadas pela autora.

Segundo ela esta construção apresenta regularidade tanto no uso quanto no seu significado e, além disso, possui um alto teor de produção do processo formador.

Segundo a autora, embora esta formação seja altamente produtiva, ela não faz parte da conjugação verbal, tendo em vista que se aproxima mais de recursos expressivos do que de exigências gramaticais e, além disso, esta formação não apresenta o alto grau de sistematicidade que é peculiar ao sistema flexional. Adicionalmente, esta formação é

suscetível a restrições de cunho semântico, sintático e discursivo. Estas restrições serão explicitadas agora.

A construção "dar uma *X-da*" é formada a partir de verbos que indicam ação e dependem da vontade de um agente. Com isso, verbos que não aceitam este funcionamento semântico não participam da construção.

A interpretação desta formação é de atenuação ou de indicação de superficialidade, por isso ela é incompatível com verbos que não possam ser atenuados ou que não possam ter essa indicação de superficialidade:²⁷

- (1) a. A Sérvia declarou guerra a Montenegro.
- b. A Sérvia fez uma declaração de guerra Montenegro.
- c. *A Sérvia deu uma declarada de guerra a/ em Montenegro.

No bojo das restrições discursivas, Basílio (1999:209) constata que o uso coloquial da formação impede a presença de verbos que só podem ocorrer em contextos formais, exemplo (4) da autora:

- (2) a. Questionado, o professor redargüiu que já ouvira argumentos piores.
- b. *Questionado, o professor deu uma redargüida de que já ouvira...

²⁷ Este exemplo corresponde ao (3) de Basílio (2001:02).

Quanto à restrição de produção de caráter lexical por bloqueio, a autora afirma que alguns verbos inibem a constituição desta formação por já existir no léxico uma expressão *dar +SN*, na qual SN é a forma nominal do verbo, exemplo (5) da autora:

- (3) a. dar um grito /pulo / salto/ berro/ beijo/ grunhido/ chute/ resposta/ ajuda
b. *dar uma gritada/*pulada /*saltada /*berrada /*beijada /*grunhida
/*chutada /*respondida /*ajudada

No âmbito da restrição especificamente de cunho morfológico, Basílio destaca que verbos cuja formação do particípio passado é irregular banem a possibilidade de ocorrência desta formação, exemplo (6) da autora:

- (4) a. escrever, descobrir, dizer, prender, compor
b. *dar uma escrita,/descoberta/ dita/ presa/ composta
c. *dar uma escrevida/ descobrida/ prendida/ dizida/ componida

Quanto às restrições de caráter sintático, a autora observa que a regência dos verbos, exemplificada em (5), bem como os verbos pronominais, exemplo (6), impedem a ocorrência da formação, exemplos (7ab) da autora:

- (5) * João deu uma arrependida/machucada/esforçada/abstida

- (6) *João deu uma oferecida de sorvete a Maria.

Ainda no domínio das restrições sintáticas, Basílio afirma que a regência verbal pode barrar algumas formações:

- (7) a. João ofereceu sorvete a Maria
b.*João deu uma oferecida de sorvete a Maria

E no tocante à restrição de cunho semântico, a autora revela que o caráter aspectual desta formação impede a formação dela com verbos de semântica pontual, exemplo (9) de Basílio (1999:210):

- (8) a. João terminou o trabalho.
b.*João deu uma terminada no trabalho.

Basílio destaca também que a transparência morfológica é uma condição essencial para o uso ou formação das expressões *X -da*. Isto nos conduz a duas alternativas de análise das expressões "dar uma X-da". Na primeira, "que fica no nível da formação de palavras propriamente ditas, temos um processo de formação segundo o qual deriva-se a partir de um verbo a forma feminina de seu particípio regular" na formação "dar uma X -da" e esta forma faria parte desta construção:

- (9) a. [X]_v -> [[X]V-da]_s
b. [X]_v -> [[dar[uma[[X]_v-da]]]]

A segunda alternativa seria considerar apenas um processo, que não se efetivaria se a formação *X-da* fosse bloqueada:

(9) [X]_V ->[dar[uma[X-da]]]S_V

Segundo Basílio, decidir por uma das alternativas depende crucialmente da existência da expressão em contextos fora desta construção, ou seja, caso a expressão *X-da* não seja autônoma em relação à construção, a alternativa (9) será beneficiada; caso esta expressão só apareça dentro da construção, (10) será favorecida.

Estas duas alternativas propostas pela autora serão o ponto principal a ser retomado ao longo de nossas discussões.

3.1.2 Mira Mateus *et alli* (1990)

As discussões que apresentaremos nesta seção serão a base para as considerações que faremos neste capítulo, o que justifica a ênfase maior sobre elas.

Mira Mateus *et alli* (1990) estabelece uma distinção entre palavras simples e palavras complexas. Segundo essa autora, quando o sufixo que compõe a palavra é um dos morfemas *a*, *e* ou *o*, temos uma palavra simples; já os demais sufixos integram sempre palavras complexas. Os sufixos e prefixos não constituem sozinhos, uma palavra, mas devem ligar-se a uma base, que pode ser formada por somente um radical, como em *infeliz* e *felicidade*, ou por uma seqüência de radical e um ou mais afixos, como em *infelicidade*.

Os prefixos possuem características mais estáveis, os sufixos se dividem em várias sub-categorias: sufixos de derivação, avaliativos (diminutivos ou aumentativos) e de flexão.

As palavras complexas são consequência da aplicação de um processo de formação de palavras. Estes processos podem ser de derivação, composição ou conversão. No processo de derivação temos "uma única palavra, por modificação da sua estrutura, quer por adjunção de um prefixo – prefixação, quer por adjunção de um sufixo- sufixação. Ex: organiza-ção, re-organização." No processo de composição temos uma "seqüência de palavras" que requer a intervenção de dois ou mais afixos, por exemplo, *bomba# #relógio*. No processo de conversão temos "uma única palavra, cuja forma não é modificada, mas à qual é atribuído um novo estatuto gramatical. Ex: *morto* (particípio passado); *morto* (adjetivo); *morto* (nome)" Mira Mateus *et alli* (1990:427).

A categoria sintática da base e da palavra complexa permite identificar o processo do qual essa palavra complexa é resultado. Os processos de formação de palavras podem ser esquematizados segundo este critério, levando-se em consideração apenas as categorias sintáticas adjetivo, nome e verbo, cujo estatuto morfológico parece ser diferente do das demais categorias:

- (11) [+N, +V] adjetivalização (adjetivação)
..... [+N, -V] nominalização
..... [-N, +V] verbalização

Se considerarmos também a categoria sintática da base, é possível se chegar a uma identificação mais completa dos processos de formação de palavras:

(12) 1. [+N, + V] [+N, +V] adjetivação deadjetival

Ex: normal anormal

2. [+N, - V] [+N, +V] adjetivação denominal

Ex: montanha montanhoso

3. [-N, + V] [+N, +V] adjetivação deverbal

Ex: interessar interessante

4. [+N, + V] [+N, -V] nominalização deadjetival

Ex: claro claridade

5. [+N, - V] [+N, -V] nominalização denominal

Ex: leitor leitorado

6. [-N, + V] [+N, -V] nominalização deverbal

Ex: fácil facilitar

7. . [+N, + V] [-N, +V] verbalização deadjetival

Ex: animar animação

8. . [+N, - V] [-N, +V] verbalização denominal

Ex: equação equacionar

9. [-N, + V] [-N, +V] verbalização deverbal

Ex: dormir dormitar

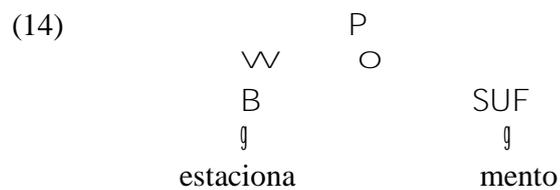
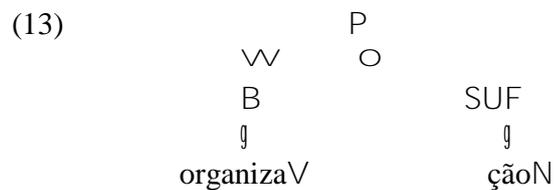
Quando a base é um adjetivo, o processo é denominado deadjetivação; quando a base é um nome, o processo é denominal; e quando a base é um verbo, o processo é

deverbal. Já se a palavra complexa resultante é um adjetivo, temos adjetivação; se é um nome, temos nominalização; e se é um verbo, temos verbalização.

3.1.2.1 Sufixos

Trataremos, nesta seção, apenas da noção e das características dos sufixos, deixando de lado os demais afixos, já que é apenas a este afixo que nos remeteremos ao longo de nossa abordagem.

O sufixo é um tipo de afixo que ocupa a posição à direita da base na estrutura interna de uma palavra complexa :



Algumas características gerais dos sufixos:

- Alteram a posição do acento principal da palavra à qual se associam²⁸. Ex: círculo -circular, casa- casulo;²⁹
- Determinam a categoria morfológica de gênero das palavras às quais se associam. Ex:[[dignifica]_{tv} ção_{[+fem]] [+fem], [[ensurdeci]_{tv} -mento_{[+masc]] [+masc];}}
- Determinam a categoria sintática das palavras a que se ligam. Ex: [[form]_{RN30 a}]_N;
- Respondem por uma alteração regular da interpretação semântica das formas derivantes, que comumente se indica através de uma paráfrase que opera sobre uma variável. Ex: [[X]ção <<ação ou processo de X>>;
- Podem alterar traços como [\pm animado] ou [\pm contável]. Ex: jornal [_{-animado}] jornalista [_{+ animado}];
- Preservam a relação entre a estrutura argumental da base e a do derivado; em outras palavras, a indicação sobre os complementos selecionados pelas palavras complexas em que está um sufixo é resultado da conjugação da informação da estrutura argumental da base com a do sufixo. Ex: OS

²⁸ O sufixo *-ico*, por exemplo, não apresenta aparentemente este comportamento; no entanto, faz com que o acento seja deslocado para a sílaba imediatamente precedente, exceto quando essa sílaba já é a sílaba acentuada. Ex: poeta poético, (cf. Mira Mateus *et ali*,1990:438).

²⁹ Utilizo o negrito aqui para marcar a sílaba tônica.

³⁰ As autoras utilizam a sigla RN para indicar radical nominal.

estudantes organizaram a festa de fim de ano./ A organização da festa de fim de ano deu muito trabalho./ Os organizadores da festa de fim de ano divertiram-se imenso;

- Seleccionam ou ligam-se, assim como os prefixos, a unidades lexicais pertencentes a uma única categoria sintática ou a duas categorias que partilhem um traço de categoria sintática, como é o caso do sufixo *-ificar* que selecciona bases em que esteja presente o traço [+N]. Ex: amável_{adj} amabilidade_N;
- Seleccionam suas bases a partir de outras características, por exemplo, morfológicas, como o gênero. Ex: [[antiga]adj [+fem, - masc] - mente]_{ADV};
- Favorecem ou impedem a associação de um sufixo a uma determinada forma pela presença de um determinado afixo ou seqüência na base. Ex: o processo de nominalização deverbal pode recorrer a vários sufixos, mas a presença de *-ifica, -iza, -menta e -ula*, na base, permite prever que a nominalização recorre ao sufixo *ção*: [[...-ifica] [-ção]] *dignificação*;
- Alguns traços sintáticos como os de subcategorização podem igualmente intervir na seleção de base por parte de um sufixo. O sufixo *-vel*, por exemplo, associa-se a verbos que subcategorizam obrigatoriamente um complemento. Ex: *A Rita bebeu uma coca-cola./A coca-cola é bebível.*

Os sufixos avaliativos representam um subconjunto de sufixos, já que o comportamento deles é em alguns casos diferente do comportamento típico dos sufixos. Algumas das características destes sufixos:

- Não mudam a categoria sintática da base. Ex: dedo_N dedinho_N;
- Podem interferir na definição de gênero nos derivados. Ex: mala _[+fem] malão_[+masc];
- Podem, ainda que sob fortes restrições, ser recursivos. Ex: pequeno pequenino pequenininho.

Um outro tipo de sufixo é o de flexão. As suas características são as seguintes:

- São sensíveis à categoria sintática da base, mas nunca a modificam, contrariamente aos sufixos de derivação. Ex: aluno_[N]- aluna_[N]; disse_[V]- disseram _[V];
- São igualmente sensíveis à informação morfológica da base, como, por exemplo, a conjugação nos verbos. Na primeira conjugação, o sufixo do conjuntivo presente é *e*, enquanto que nas segunda e terceira conjugações, este mesmo paradigma de flexão recorre ao sufixo *-a*;
- Afetam a interpretação semântica das palavras em que ocorrem, mas apenas quanto às categorias que realizam, ou seja, quanto ao gênero, ao número, ao modo, ao tempo, ao aspecto e à pessoa. Só em casos muito raros as formas flexionadas adquirem significações específicas, como é o caso das palavras *óculos* e *costas*.

As autoras estabelecem uma importante distinção: sufixos cuja especificação inclui apenas traços de flexão, como os de gênero ou de número, são sufixos de flexão; todos os outros são sufixos derivacionais.

Quando o assunto é o particípio passado, as autoras recordam que a distinção entre derivação e flexão se torna complicada. Segundo Mira Mateus *et alli*, numa formação como *pedido*, por exemplo, pode-se identificar no mínimo dois constituintes: o tema verbal *pedi* e o sufixo *-do*. De acordo com as autoras, esta forma pode ocorrer como um verbo (*Os documentos foram pedidos há três meses*); como um adjetivo (*É preciso entregar os documentos pedidos*); e como um nome (*Os pedidos de visto estão muito atrasados*). Estas autoras então adotam a proposta de Lieber (1980:230), segundo a qual “o particípio passado é uma forma verbal flexionada, que pode servir de base a um processo derivacional de adjetivação, sem alterar a estrutura da palavra, ou seja, por conversão”. A explicação deste processo se fará de forma mais adequada na próxima seção.

3.1.2. 2 Conversão, Derivação Ø ou Derivação Imprópria

A conversão é um processo de formação no qual se obtém uma palavra a partir de uma outra já existente sem que haja alteração na sua forma. A nova palavra difere da já existente apenas no que diz respeito à sua especificação categorial:

(15) olhar_V olhar_N

Esta operação, em especial, é produtiva no processo de nominalização e na formação de adjetivos a partir de particípios passados, que podem, em alguns casos, ser convertidos em nomes:

(16)	1. sentido _{pp}	sentido _{ADJ}	sentido _N
	2. morto _{pp}	morto _{ADJ}	morto _N
	3. delegado _{pp}	delegado _{ADJ}	delegado _N

Esta noção será importante para discussões posteriores.³¹

3.2 CONSIDERAÇÕES DE CARÁTER GERAL SOBRE AS CONSTRUÇÕES "DAR UMA X-(A)DA"

Nesta seção retomaremos alguns pontos de Basílio (1999), que versam sobre o comportamento e as restrições que pesam sobre a formação deverbais. Buscaremos primordialmente verificar se esta formação aparece em contextos isolados da construção "dar uma X-da", procurando focalizar, sobre esta perspectiva, também a formação denominal, que não está no bojo das discussões desta autora.

Vimos na seção 3.1.1 que Basílio arrolou uma série de restrições sintáticas, semânticas, morfológicas e até mesmo discursivas para a formação das expressões deverbais. No curso desta dissertação procuramos verificar tanto as propriedades da formação deverbais, quanto as da denominal e pudemos perceber que nem todas as restrições citadas pela autora se provaram verdadeiras após uma análise mais minuciosa.

Em particular, constatamos que a afirmação de Basílio (1999), apresentada na seção 3.1.1 deste capítulo, de que a construção "dar uma X-da" seria formada a partir de

³¹ Adotaremos aqui o termo conversão, pois segundo Basílio (1995:60-61) este é o termo mais adequado a ser empregado para derivação imprópria. Na literatura não há muito consenso a respeito deste processo. Não entraremos em discussões mais detalhadas a este respeito por ele estar além do escopo deste trabalho. Para mais detalhes ver Basílio (1995:60-61) e Rocha (1999:173).

verbos que indicam ação e dependem da vontade de um agente e que verbos que não funcionam desta maneira não participam da construção, não pode ser verdadeira no tocante à formação deverbal. O contra-exemplo para esta observação de Basílio (1999) está presente no exemplo (49) do capítulo I. Para fins de exposição retomaremos o exemplo:

(17) a. O copo deu uma trincada.

b. O livro deu uma amarelada.

As sentenças em (17) deixam claro que a afirmação de Basílio (1999) não se sustenta, pois as construções são perfeitas, ainda que formadas com verbos que não indicam ação. Observe-se, adicionalmente, que o evento não depende da vontade de um agente, porque nem sequer temos um agente atuando nestas construções.

Note que não afirmamos que sentenças com verbos desta natureza, os chamados verbos de alternância, não possam possuir um agente. Em um outro tipo de estrutura estes verbos podem ter um agente:

(18) a. O João deu uma trincada no copo, mas foi sem querer.

b. O tempo deu uma amarelada no livro.

Embora a afirmação de que o evento depende da vontade de um agente no que concerne à construção deverbal não possa ser confirmada, isto parece ser verdadeiro para a construção denominal, pois, de acordo com o que vimos no capítulo I, todas as construções com a formação denominal têm em sua grade temática um agente e, neste caso, o evento denotado pela sentença depende crucialmente da vontade desse agente.

(19) a. A Ana deu uma bolsada na prima.

b. A Joana deu uma livrada na cabeça do Pedrinho.

Cumprе ressaltar que as demais restrições, apresentadas pela autora, à formação da construção se confirmaram no decorrer da nossa abordagem e por isso achamos relevante não ocultar nenhuma das restrições mencionadas por Basílio (1999).

De especial relevância para a nossa abordagem neste capítulo é a proposição de duas alternativas de análise para a formação da construção deverbal feita por Basílio (1999). Retomando a discussão, a autora elabora estas alternativas, baseando a escolha por uma delas na possibilidade ou não de a formação ocorrer fora da construção "dar uma X-da".

A primeira alternativa de análise é (9), retomada em (20):

(20) a. [X]_V -> [[X]V-da]_S

b. [X]_V -> [[dar[uma[[X]_V.da]]]]

Esta alternativa, conforme já mencionado, só poderá ser adotada caso se prove verdadeiro que a formação deverbal está atrelada à construção, ou seja, caso a formação deverbal não exista fora da construção "dar uma X-da".

Ao contrário, a alternativa (10), retomada em (21), só será escolhida se provarmos que a expressão deverbal possui autonomia em relação à construção, isto é, que ela existe independente da estrutura "dar uma X-da":

(21) [X]_v ->[dar[uma[X-da]]]_{sv}

Scher (cp.) apontou algumas possibilidades de ocorrência da formação deverbal em contextos isolados da construção:

- (22) a. A Velejada anual de São Sebastião foi um sucesso.
b. Corrida de São Silvestre.
c. A caminhada pela paz partirá da rua Pedro Ozório.
d. Aquela pensada que a Maria deu sobre o assunto foi importante para que ela se decidisse.

Conforme ilustram as sentenças em (22) pelo menos algumas destas formações apresentam-se autônomas com relação à construção. Veja-se o que ocorre com a formação denominal:

- (23) a. A facada deixou uma cicatriz horrível.
b. Aquela pedrada doeu muito.
c. A almofadada da Maria espalhou plumas pela casa.

Estas sentenças em (22) e (23) nos dizem, então, que tanto a formação deverbal quanto a denominal apresentam autonomia em relação à construção “dar uma X-(a)da”. Disso decorre que, podendo aparecer em outros contextos, estas formações podem ser geradas em processo independente do da construção e a alternativa (21) proposta por Basílio (1999) é a mais adequada. A partir desta constatação estamos aptos para investigar qual (is) o(s) processo(s) de formação destas duas formações.

3.3 Algumas alterações no curso das investigações

Lisboa de Liz (2001), (2002) e (2003), Figueiredo Silva (2002) e Lisboa de Liz & Figueiredo Silva (2003) se esforçam para entender a presença do sufixo *-ada* na construção “dar uma X-*ada*”. O exemplário em (24) e (25) é de Lisboa de Liz (2001), exemplos (1) e (2) da autora:

(24) a.* A Maria deu uma copada na água.

b.A Maria deu uma copada no João.

(25) a .A Maria deu uma garfada no macarrão.

b.A Maria deu uma garfada no João.

Conforme Lisboa de Liz (2001), a Gramática Tradicional (GT) atribui a este sufixo sempre o mesmo sentido, como se ele operasse em ambas as sentenças da mesma

forma: se utilizarmos a lista feita por Cunha & Cintra (1985:94), e entendermos que *garfada* é o mesmo tipo de formação que *colherada*, tanto (25b) quanto (25a) teriam a mesma interpretação:

“Formam substantivos de outros substantivos: *-ada*:

- a) multidão, coleção: boiada, papelada
- b) porção contida num objeto: bocada, colherada
- c) marca feita com um instrumento: penada, pincelada
- d) ferimento ou golpe: dentada, facada
- e) produto alimentar, bebida: bananada, laranjada
- f) duração prolongada: invernada, temporada
- g) ato ou movimento enérgico: cartada, saraivada.”

ou seja, o sentido presente em b), “porção contida num objeto”; no entanto, a interpretação mais adequada para (25 b) seria a contida em d), “ferimento ou golpe”.

A autora chama atenção ainda para a agramaticalidade de (24a), um fato surpreendente se levarmos em conta apenas a classificação dos sufixos feita pelos gramáticos, pois era de se esperar que, tal como as demais sentenças, (24a) também fosse gramatical, já que a formação *copada* pode ser prevista do mesmo modo que os exemplos arrolados em (b). A questão segundo a autora, é que Cunha & Cintra não colocam nenhum tipo de restrição sobre a formação destes elementos nem tampouco consideram as propriedades de distribuição sintática deles, por exemplo. Assim, quando

inserirmos itens deste tipo em um determinado contexto sintático, pode ser que de fato este contexto barre a formação deles, conforme vimos no capítulo I, em que as construções em *(a)da* foram submetidas a diferentes tipos de manipulações sintáticas e nem sempre as sentenças resultaram gramaticais.

Lisboa de Liz (2003c), resgatando a definição de Bauer (1983), enfatizou que as formações em (24b) (25a-b) e (26) abaixo são estruturas com sufixo homófono, isto é, um sufixo que apresenta a mesma seqüência fonética, mas sentidos diferentes:

(26) A Maria deu uma pensada na proposta.

Neste ponto, no entanto, nossas considerações deverão sofrer duas importantes alterações. A primeira delas diz respeito a deixarmos de fora a formação (24b) e (25a), dado que nossa investigação se preocupa apenas com os sufixos que estão vivos na língua (e que, portanto, formam novas palavras), o que não é o caso do sufixo presente neste tipo de formação.³²

A segunda alteração diz respeito à identificação de dois sufixos realmente distintos em (25b) e (26). Como detectamos esta distinção? Poderíamos responder esta questão de duas formas: primeiramente pela possibilidade real de inclusão, na construção, de verbos não só de 1ª conjugação como também verbos de 2ª e 3ª conjugações, conforme mostram os exemplos subseqüentes:

(27) a. A Maria cresceu.

³² Agradecemos ao Dr. Carlos Mioto (c.p.) ter chamado nossa atenção para este fato.

- b. A Maria tossiu.
- c. A Maria pensou no assunto.

Em (27a) temos um verbo de 2ª conjugação, em (27b) um verbo de 3ª conjugação e finalmente em (20c) um verbo de 1ª conjugação que já vínhamos considerando. Agora observe como as construções são perfeitas com estes verbos:

- (28) a. A Maria deu crescida.
b. A Joana deu uma tossida.
c. A Maria deu uma pensada no assunto.

Podemos agora dizer que o sufixo recorrente nas sentenças é *-ada*? Diante das sentenças em (28), como manter a proposta de Lisboa de Liz (2003) de que temos estruturas com sufixos homófonos? A partir das sentenças de (28) temos evidência suficiente para afirmarmos que o sufixo que se apresenta nestas formações não é o sufixo *-ada* e isso se torna mais claro quando verificamos a forma exata do sufixo nas sentenças, isto é, em (28 a,b,c) a parte recorrente é sempre *-da* e não *-ada*. Esta conclusão a que chegamos também encontra respaldo em Basílio, porque seus trabalhos sempre fazem referência ao sufixo *-da* presente na formação deverbal.

Outros estudiosos do assunto, como Scher (2004), por exemplo, parecem não considerar esta possibilidade em sua abordagem, tratando a construção como se estivesse em jogo apenas o sufixo *-ada*. Se assim fosse, o que diríamos, do ponto de vista estritamente morfológico, sobre o desaparecimento da vogal *a* e sobre o surgimento da

vogal / onde se esperaria aparecesse a vogal *a*? Não seria mais plausível assumirmos que esta vogal faz parte da base e o sufixo presente na formação é outro?

Alina Villalva (cp.) afirmou que não admitir que o sufixo presente na formação é realmente *-da*, que implicaria em rejeitar a possibilidade de inclusão de verbos de 2ª e 3ª conjugações, é algo completamente disparatado do ponto de vista estritamente morfológico, pois a presença de verbos destas duas conjugações não só é possível como é freqüente demais para a ignorarmos.

Assumiremos então que o sufixo presente na formação deverbal é *-da*, pois assim procedendo poderemos incluir também os verbos de 2ª e 3ª conjugações como possibilidades reais de inserção na construção, além de não precisarmos realizar malabarismos morfológicos para explicar a exclusão da vogal *a*, presente do sufixo *-ada*.

Teremos, portanto, dois sufixos atuando na construção "dar uma X-(a)da", a saber, os sufixos *-ada* e *-da*.³³

Uma vez resolvida esta primeira etapa de mudanças no curso de nossa abordagem, passemos agora à análise das propriedades destes dois sufixos.

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUFIXO *-ADA*

A seção 3.1.3 apontou as principais características dos sufixos, distinguindo dentre eles os sufixos de flexão e os de derivação. Dentre os sufixos derivacionais, Mira Mateus *et alii* identificam um subconjunto de sufixos, o dos avaliativos (que dizem respeito aos diminutivos, aumentativos e pejorativos, entre outros) que diferem dos demais por

³³ Isto explica o uso dos parênteses na perífrase.

apresentarem em certos casos um comportamento ligeiramente diferente do comportamento que se espera dos sufixos.

Confrontaremos a seguir o comportamento dos sufixos avaliativos ao do sufixo *-ada* com o intuito de conhecer a natureza deste último.

Conforme vimos na seção 3.1.3.1, o sufixo avaliativo, a princípio, não muda a categoria sintática da base. Vejamos se isto se aplica ao sufixo *-ada*:

(29) a. O Pedrinho deu uma dentada na Ana.

b. dente_N dentada_N

Em (29) a base é *dente*, sua categoria é [+N, -V]; a esta base foi adicionado o sufixo *-ada* e obtemos como resultado uma base de mesma categoria, isto é, [+N, -V].

Outra característica dos sufixos avaliativos é que eles podem interferir na definição de gênero nos derivados; como ilustra (30) abaixo, esta propriedade também é observável quando o sufixo envolvido no processo é *-ada*:

(30) dente [+masc] dentada [+fem]

A base *dente* pertence ao gênero masculino e, quando a ela se acrescenta o sufixo *-ada*, têm-se uma base de gênero feminino. Veja que nunca podemos ter um determinante masculino diante desta formação:

- (31) a. o dente a dentada
 b. um dente uma dentada
 c. *um dentada/o dentada

Quanto à recursividade, parece ser a única propriedade típica dos sufixos avaliativos que não se aplica ao sufixo *-ada*:

- (32) * A Maria de uma bolsadada no João.

Vimos que duas importantes características dos sufixos avaliativos se aplicam ao sufixo *-ada*, e assim parece ser possível afirmarmos que o sufixo *-ada* está no domínio dos sufixos derivacionais (cf. Mira Mateus *et alli*, 1990).

Uma vez revelada a natureza do sufixo *-ada*, passemos agora a discutir o processo formador das expressões denominais.

3.4.1 O Processo de Formação das expressões denominais

Segundo Rocha (1990:105) a derivação é o processo de formação de palavras mais diversificado e mais acionado pelos falantes. Este processo pode se apresentar em seis tipos: truncada, siglada, conversiva, parassintética, prefixal e sufixal.

Este último tipo, isto é derivação sufixal, seria o processo responsável pela formação da estrutura denominal $[N-ada]_N$. De modo simples podemos entender a derivação sufixal como uma operação que implica a adição de um sufixo a uma base:

(33) a. A Maria deu uma bolsada no João.

b. bolsa_{Base} sufixo *-ada* bolsada_N

Contudo, conforme ressalta Figueiredo Silva (cp.), devemos recordar que o sufixo *-ada*, como tantos outros sufixos, não vai se ligar a um tipo de base qualquer; há certas exigências sobre o tipo de base tais como semânticas, morfológicas e sintáticas. No tocante às exigências semânticas, por exemplo, a base tem que ser um nome concreto, porém, nem todo nome concreto: tem que ser um nome concreto que faça referência a um objeto que possa servir de instrumento, por exemplo: *olho* é um nome concreto, mas *dar uma olhada* não pode querer dizer bater no outro com o olho. No domínio da exigência sintática, a base tem que ser da categoria [+N, -V]. No âmbito da morfologia, tomemos a palavra *óculos* como exemplo; *óculos* é um objeto e a princípio poderia servir como instrumento, mas é estranha a formação *oclada-* (*dar uma oclada no João*). Talvez a estranheza se deva ao fato de a base não poder ser um nome plural, visto que *lapisada* derivada de um nome plural como *lápiz* também é uma formação estranha.

Na próxima seção investigaremos as propriedades do sufixo *-da* que compõe a construção "dar uma X-(a)da".

3.5 O SUFIXO *-DA* E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS DEVERBAIS

Partindo da semelhança entre a formação deverbal e a forma do particípio passado, poderíamos afirmar que esta formação é a forma feminina do particípio passado.

No entanto, segundo Lisboa de Liz (no prelo), partir desta característica supracitada e afirmar, simplesmente, que o sufixo que compõe esta formação é de natureza flexional ou o sufixo formador de particípio passado, ainda que pudesse nos ser bastante conveniente e nos poupasse algum trabalho, não seria adequado. Em particular, esta última asserção produz um certo desconforto, dado que o próprio processo de formação do particípio gera controvérsias devido à dificuldade de se saber se estamos frente a um processo de flexão ou derivação (c.f. Mira Mateus *et alli*, 1990).

Mas, por outro lado, o processo de formação das expressões deverbais poderia partir da formação do particípio passado, conforme propõem Lopes & Souza (2004). A proposta de que a formação deverbal é gerada a partir do particípio encontra respaldo nas argumentações de Basílio (1999) e Basílio (2001), pois segundo percebeu esta autora, somente verbos com particípio passado regular aceitam a formação. Então, uma proposta que não considere que o processo de formação passe pelo particípio passado não teria nem como explicar esta restrição que se mostrou bastante forte.

Vamos admitir que o processo de conversão, conforme apresentado na seção 3.1.2.2, possa ser o processo formador das expressões deverbais:

(34) sentido_{PP} sentido_{ADJ} sentido_N

Segundo Mira Mateus *et alli* (1990) esta é uma operação particularmente produtiva no processo de nominalização e na formação de adjetivos a partir de particípios passados, que podem, em alguns casos, ser convertidos em nomes. Mas falar de dentro de um modelo que prima pela economia exigiria que optássemos por uma solução que

envolvesse o menor número de operações possíveis. Assim o que propomos é que o processo de formação das expressões deverbais não passe pela operação de adjetivação:

(35) pens(ar)_V pensado_{PP} pensada_N

Assumindo o processo descrito para a formação das expressões deverbais como em (35), não passamos pelo processo de adjetivação, uma operação adicional e indesejável para o sistema rodar. Neste sentido, estamos assumindo a proposta de Lopes & Souza (2004). Segundo estas autoras, uma formação como *olhada* estaria sujeita a duas operações morfológicas distintas:

- (36) “a. uma flexional, em que se acrescenta o particípio passado ao radical verbal [pens-] e,
b. uma derivacional, em que a especificação categorial da palavra é reanalisada .”³⁴

Portanto, diferentemente do processo que gera a formação denominal que é apenas derivacional, a formação das expressões deverbais envolve dois processos: o flexional e o derivacional.

3.6 QUAIS AS ORIGENS DOS TERMOS *DEVERBAL* E *DENOMINAL*?

³⁴ O exemplo utilizado por Lopes & Souza (2003) é “A Maria deu uma olhada no menino”.

Desde o início desta dissertação temos nos referido às formações denominal e deverbal e sempre visando à distinção entre as duas. Nesta seção, exploraremos as origens morfológicas destas duas denominações, com atenção inicial às formações em (31) e (32):

- (38) a. A Maria deu uma bolsada no João.
b. O Ptolomeu deu uma vidrada na cabeça do Pedro.
- (39) a. A Maria deu uma pensada no assunto.
b. O Pedro deu uma revisada no texto da Vera.

Conforme vimos na seção 3.2, quando o sufixo que compõe a palavra é um dos morfemas *a*, *e* ou *o*, temos uma palavra simples; já os demais sufixos integram sempre palavras complexas. E, já que na formação em (38) o sufixo presente não é nenhum dos morfemas supracitados que compõem as palavras simples, assumiremos trata-se de um sufixo formador de palavras complexas. Isto acaba por justificar também nossa investigação em torno dos processos morfológicos que dão origem a este tipo de formação, pois uma palavra complexa só pode ser fruto da aplicação de um processo de formação de palavras (cf. seção 2).

Retomando então, nossas discussões das seções 3.5 e 3.6, vimos que temos dois sufixos atuando na construção "dar uma X-(a)da". Com menos vagar, vimos também a categoria sintática da base e da palavra complexa é a mesma na formação com o sufixo -

ada e distinta na formação com o sufixo *-da*. Isto é, na formação com *-ada* a categoria da base e da palavra complexa é a mesma, conforme mostra (40):

- (40) a. bolsa_N bolada_N
 b. vidro_N vidrada_N

Em (40), portanto, não se verifica mudança de classe, conforme mencionado nas seções precedentes. Em (40a,b) às bases *faca* e *vidro*, adicionamos o sufixo *-ada*.

Até aqui apontar a base como sendo de origem nominal para a formação em *-ada* era apenas um pressuposto. Agora apontaremos uma evidência que o sustenta:

- (41) a. *A Maria bolsou o João.
 b. *A Maria vidrou o João.

O que (41) nos garante é que não temos as formas verbais correspondentes à forma nominalizada que aparece na expressão; logo a forma básica é um nome, este sim, com existência independente na língua. Podemos representar a estrutura interna da formação (39a,b) como segue:

(42)



	g		g
bolsa			-ada
vidro			-ada

Feito isto, justificaremos a denominação formação denominal atribuída até o momento à formação em *-ada*: para que tenhamos um processo de nominalização faz-se necessário que a palavra tenha os traços [+N, - V] no processo final; para que uma palavra complexa receba o nome nominalização denominal é necessário que ela siga os procedimentos contidos em (43), conforme ilustrado na seção 3.2, exemplo (1):

- (43) a. bolsa bolsada
 [+N, - V] [+N, -V] nominalização denominal

A palavra simples em (43) sofre um processo de nominalização denominal, ou seja, temos uma base nominal, *bolsa*, que passa por um processo de nominalização que resulta em *bolsada*.

De maneira equivalente, vínhamos assumindo que a formação em *-da* tinha como base uma forma verbal. A evidência para esta assunção foi dada ao longo deste capítulo. Além disso, estávamos denominando esta formação de deverbal, fato este que se explica por estarmos operando sobre uma base verbal, segundo ilustra (44):

- (44) a. pensa_V pensada_N

[-N, + V] [+N, -V] nominalização deverbal

Explicitando: a palavra simples *pensa* sofre um processo de nominalização deverbal, gerando a palavra complexa *pensada*, isto é, dizemos "deverbal", porque a base para a nominalização é um verbo. Como sabemos que a base é um verbo? A evidência para afirmarmos que a base é um verbo pode ser o fato de não termos um nome *pensso*, ou *pensa*, apenas *pensamento* que já é um nome deverbal.

3.7 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, exploramos as propriedades morfológicas da construção "dar uma X(a)da". O nosso primeiro passo foi excluir formações em *-ada* como a que está presente na sentença: "*dar uma colherada no doce*", visto que este sufixo não atua na formação de novas palavras na língua, ou seja, expressões como esta não são produtivas.

O passo seguinte foi investigarmos a natureza morfológica dos sufixos que participam da construção. Com isso, encontramos evidências para a presença de dois sufixos, a saber, *-da* e *-ada*, e não apenas o sufixo *-ada* como inicialmente. Isto explica, conseqüentemente, o uso dos parênteses na perífrase "dar uma X(a)da".

Nos capítulos anteriores investigamos o comportamento das formações deverbal e denominal e os resultados apontaram propriedades sintático-semânticas bastante distintas. Neste capítulo, pudemos ver que também no âmbito da morfologia as construções compostas pelas formações verbais e denominais, apesar de aparentemente idênticas, não se distribuem não apresentam um comportamento uniforme. Então, nossa hipótese de que estas mesmas expressões estariam sujeitas também a processos morfológicos de formação diferentes se confirmou, pois enquanto a formação denominal envolve apenas uma

operação derivacional, a formação deverbal envolve dois processos distintos, a saber, um de cunho flexional e outro de caráter derivacional.

CONCLUSÃO

Ao iniciar um trabalho de análise lingüística como o que se apresentou nesta dissertação, não se pode prever exatamente as proporções que ele atingirá. Talvez por isso nossa ousadia de um trabalho de interfaces, pois cada restrição à formação da construção "dar uma X(a)da", cada nova descoberta em torno deste fenômeno nos conduzia a uma hipótese e a um dos níveis de interface da gramática. Talvez não tenhamos esgotado todas as possibilidades de análise para o fenômeno, mas tudo o que se mostrava relevante e surgia a cada nova investida foi de algum modo contemplado aqui: procurou-se descrever e fornecer explicações para os fatos observados com respaldo no quadro teórico pertinente.

No estudo de interface sintática aplicamos um conjunto de testes idealizados por Bianchi (1993), em busca de provar ou descartar a hipótese de as formações deverbal e denominal poderem ser tratadas no domínio das expressões idiomáticas. A formação denominal, por vários motivos, dentre eles por apresentar graus variados de mobilidade, por ser autônoma da construção "dar uma X-ada" e principalmente em razão de poder sofrer diferentes manipulações internas, não pode ser considerada como um tipo de expressão idiomática. No tocante à formação deverbal, as predições são outras. Se por um lado a formação deverbal pode apresentar-se autônoma da construção pelo menos em um certo número de casos, por outro lado, não pode sofrer uma série de manipulações internas como a maior parte das expressões idiomáticas da amostra de Bianchi (1993). Neste sentido, não podemos peremptoriamente dizer que esta formação não possa ser tratada como expressão idiomática. No bojo de nossas investigações chegamos à conclusão de que ela pode ser um tipo especialíssimo de expressão idiomática. Deste modo, não podemos dizer que nossa hipótese inicial não tenha, de todo, se confirmado, pois se por um lado rejeitamos o tratamento da formação denominal como expressão idiomática, por outro, ainda não está

claro se poderemos realmente descartar a construção composta pela formação deverbal deste domínio.

Propriedades aspectuais, vistas no Capítulo II, também diferenciam as formações deverbal e denominal. Explorando inicialmente as propriedades aspectuais de uma sentença com o verbo *dar* pleno e confrontando-as com as propriedades encontradas na formação deverbal, vimos que esta última se diferencia da primeira, isto é, não mantém sempre as mesmas características aspectuais. Além disso, o conjunto de testes realizados neste capítulo nos apontou que a formação deverbal não pode ser enquadrada numa única classe aspectual devido aos diferentes tipos de verbo que servem de base para a nominalização, isto é, esta formação pode denotar uma *atividade*, um *accomplishment*, um *achievement* ou um semelfactivo. A grande restrição semântica que inibe a formação desta expressão é a presença do traço [+ estativo], o que equivale a dizer ela pega verbos de todas as classes aspectuais desde que não denotem um estado.

Com relação à formação denominal, ela apresenta um comportamento uniforme, que se assemelha ao da sentença com *dar* pleno. As informações aspectuais derivam essencialmente do verbo *dar*, e assim, nos foi possível classificá-las no âmbito de uma única classe aspectual, a saber, a dos eventos de *achievements*.

Portanto, as análises do Capítulo I e do Capítulo II foram favoráveis à distinção entre as formações deverbal e denominal. Se no Capítulo I pairou a dúvida sobre a natureza idiomática da formação deverbal, pudemos imediatamente descartar esta possibilidade da formação denominal. O Capítulo II nos apontou que a formação deverbal, diferentemente da denominal, não pode ser enquadrada em apenas uma classe aspectual, mas ficou evidente que a restrição à formação desta expressão é a presença do traço [+ estado]. Contrariamente, a formação denominal pôde ser classificada no âmbito dos eventos de *achievements*.

O Capítulo III explorou algumas propriedades morfológicas das construções “dar uma X-(a)da”. Descobrimos já de início que não poderíamos ter apenas um sufixo na construção, que tomávamos, em investigações mais superficiais, como “dar uma X-ada”. Após a identificação destes dois sufixos, passamos a empregar não mais o termo no singular, mas no plural, pois já não havia mais apenas uma construção, mas duas aparentemente idênticas, não somente nos níveis sintático e semântico como também no nível morfológico. Investigamos a origem morfológica destes sufixos e descobrimos que ambos eram da mesma natureza, ou seja, de origem derivacional. O passo seguinte foi averiguar os processos morfológicos que formavam as expressões deverbal e denominal; o resultado a que chegamos foi também favorável à distinção entre as formações: a formação denominal é gerada por apenas um processo, a saber, de derivação sufixal e a formação deverbal envolve dois processos, um flexional e outro derivacional. Com este resultado se confirmou nossa hipótese de que também os processos morfológicos acionados para a formação destas duas expressões seriam distintos.

Por fim, esperamos ter atingido o objetivo central desta dissertação que era mostrar que o modo como os sufixos são classificados deve sofrer alterações. Uma classificação adequada dos sufixos requer uma análise rigorosa que leve em conta as propriedades de distribuição destes elementos, sejam elas sintáticas, semânticas ou morfológicas. Uma lista elaborada nos moldes da gramática tradicional considera somente determinadas propriedades semânticas destes elementos e não é capaz de explicar por que determinadas formações, embora possíveis, não ocorrem em determinados contextos.

Um assunto que se apresenta a seguir pode ser do interesse para estudos mais adiante: especificar a natureza semântica da construção deverbal de forma mais cabal a fim de verificar se as propriedades descritas no Capítulo I são suficientes para determinar a natureza idiomática delas.

"Dar uma X(a)da": um trabalho de interfaces

UFSC- 02/2005
Florianópolis

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONOFF, M. *Word formation in Generative Grammar*. Cambridge , Mass: The MIT Press, 1976;

BASÍLIO, M. *Estruturas Lexicais do Português; uma abordagem gerativa*. Petrópolis : Vozes, 1980;

BASÍLIO, M. DIAS, M. Carmelita P. MARTINS, H. F. "Expressões dar + SN: um estudo da representação lexical". *In: Anais do III Encontro da Assel- Rio*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

_____. *Teoria Lexical*. Rio de Janeiro : Ática, 1995;

_____. *et alli*. "Derivação, composição e flexão no português falado : condições de produção". *IN: Gramática do Português Falado*. Castilho, A. T. de (org). Campinas : editora da Unicamp/Fapesp, vol III, 1993;

_____ & Martins H. " Verbos denominais no português falado". *IN: Gramática do Português Falado*. Ingedore g. Villaça Koch (org). Campinas : Editora da Unicamp/ Fapesp. Vol. VI, 1996;

_____. "Padrões de configuração estrutural de unidades lexicais". *In: Para sempre em mim - Homenagem à Professora Ângela Vaz Leão*. Leila P. Duarte (org). MG : PUC, 1999;

_____. "Expressões dar uma x-da: uma verificada informal". *In: Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa*. M^a Helena de Moura Neves (org). Série Trilhas lingüísticas I. Araraquara : Editora Cultura Acadêmica, 2001;

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo : Contexto, 2004;

CAMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Ed. 28 . Petrópolis : Vozes, 1988;

CHIERCHIA, Gennaro. *Introdução à semântica*. Trad. Luis Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da Unicamp; Londrina: Eduel, 2003.

CHOMSKY, N. A. *Remarks On Nominalization*. Ms, 1970;

_____. *Linguagem e Pensamento*. Petrópolis : Vozes, 1971;

COOK, V.J. & NEWSON, Mark. *Chomsk's Universal Grammar: an introduction*. 2.ed. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1996;

FIGUEIRA, Rosa Attié. "Erro e enigma na aquisição da linguagem". In: *Letras de Hoje*. Porto alegre. V. 30, nº 4, p. 145-162, dezembro 1995;

GAMARSKI, L. "Efeitos sobre a estrutura argumental- adjetivos deverbais em *-nte*". In: *Gramática do Português Falado*. Ingedore g. Villaça Koch (org). Campinas : Editora da Unicamp/ Fapesp. Vol. VI, 1996;

FIGUEIREDO SILVA, M.C. " Dando uma pensada nesta construção". *Revista de estudos Lingüísticos XXXI*, 2002;

FIGUEIREDO SILVA, M. C. & LISBOA DE LIZ, L. "Construções em *-ada*: propriedades morfossintáticas". *Revista de Estudos Lingüísticos XXXII*, 2003;

HALLE, M. "An approach to morphology". Nels 20: 150-184. GLSA, university of Massachusetts, 1990;

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do Léxico: brincando com as palavras*. Contexto, 2002;

LISBOA DE LIZ. "Construções com o sufixo *-ada*". Projeto apresentado para seleção PIBIC 2001, UFSC;

_____. "Construções com o sufixo *-ada*". Relatório final de atividades da bolsa PIBIC/CNPQ, UFSC, 2002;

_____. "Construções com o sufixo *-ada*: manipulações morfossintáticas". Projeto de pesquisa apresentado para seleção no mestrado em Linguística, UFSC, ms, 2003a;

_____. "Dando uma pensada no aspecto". Artigo apresentado ao curso Introdução à Semântica, ministrado pela Dr^a Roberta Pires de Oliveira, ms, 2003b;

_____. "Os diferentes sufixos *-ada* nas construções 'dar uma X-*ada*'". Comunicação apresentada ao XVI Seminário Cellip, 2003c;

_____. "Uma análise morfológicas das construções 'dar uma X-*ada*'" (no prelo);

LOPES, R.E.V. & Sousa, T. T. "Dar uma X-*ada*": Por que sua aquisição é tardia?" *Working Papers*, UFSC, 2004;

MIRA MATEUS, M. H.; A. Andrade; M. C. Viana & A. Villalva. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990;

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina e LOPES, R. E.V. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis : Insular, 1999;

RAPOSO, E. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992;

ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português* Belo Horizonte : UFMG, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. SP: Pensamento –Cultrix LTDA. 24 reed., 2002;

SMITH, C. *The parameter of Aspect*". Kluwer Academic Publishers, Departments of Linguistics. University of Texas, 1997;

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Oxford : Brasil. Blackwell, 1991;

VERKUYIL, H.J. *A theory as aspectuality - the interaction between temporal and temporal structure.* Cambridge: Cambridge University Press, 1993.